

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA – DAP  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC

**DESENCANTAMENTO DO MUNDO NA METRÓPOLE DA  
FLORESTA? A RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA NA CIDADE DE  
MANAUS**

Bolsista CNPq: Maria das Dores Aderaldo de Oliveira

MANAUS

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA – DAP  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC

RELATÓRIO FINAL  
PIBIC-H/0052/2010-2011  
**DESENCANTAMENTO DO MUNDO NA METRÓPOLE DA  
FLORESTA? A RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA NA CIDADE DE  
MANAUS**

Bolsista: Maria das Dores Aderaldo de Oliveira, CNPq  
Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Witkoski

MANAUS

2011

**DESENCANTAMENTO DO MUNDO NA METRÓPOLE DA  
FLORESTA? A RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA NA CIDADE DE  
MANAUS**

Os direitos deste relatório reservam-se a Universidade Federal do Amazonas – UFAM, bem como ao Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq e a seus autores. Assim sendo, sua reprodução parcial ou total só poderá ser realizada para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC da Universidade Federal do Amazonas, não é subprojeto.

“[...] Todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no final tendo vivido uma só!” (GEERTZ, 1966, p. 36).

## RESUMO

Este trabalho faz reflexão acerca da ressignificação da vida do homem do campo amazonense que migra para a metrópole da selva e, nesta, passa a habitar no bairro dos Educandos. Toma como referencial teórico a obra clássica de Pierre Bourdieu (1979), *O desencantamento do mundo*: estruturas econômicas e estruturas temporais. Através da noção de *desencantamento do mundo* e do conceito de *habitus*, a pesquisa visa compreender as transformações do modo de vida e respectivas representações sociais dos migrantes recentes que se deslocam para Manaus procurando indicar as causas da migração – as mudanças radicais da natureza, a busca de trabalho, o acesso à educação, a saúde dentre outros. A pesquisa narra sociologicamente, utilizando o conceito de *habitus*, as transformações do modo de vida e as novas representações sociais dos migrantes recentes, que ao se deslocarem de um mundo instituído de *terras, florestas e águas de trabalho*, para uma grande metrópole (mundo por natureza artificial), passam por profundas transformações. O estudo revela ao seu final – a partir das comparações dos modos de vida rural e urbano – a efetivação do *desencantamento do mundo* por meio da ressignificação do modo de vida do migrante na cidade de Manaus, não deixando de mostrar as dificuldades que se apresentam aos migrantes na metrópole da selva. Noutras palavras, verificamos de que maneira ocorre a estes sujeitos sociais o *desencantamento do mundo*, atentando para que, na perspectiva adotada, este se refere, entre outras possibilidades, à noção de desvelamento do mundo pela ciência, a inserção do migrante numa economia extremamente estranha a ele e, fundamentalmente, às mudanças do modo de vida tradicional para o modo de vida moderno, onde o homem é a todo instante impelido a fazer uso da razão numa sociabilidade onde *tempo é dinheiro* – em oposição ao tempo ecológico de sua vida pretérita.

**PALAVRAS-CHAVE:** vida rural; *desencantamento do mundo*; *habitus*; metrópole da selva; ressignificação da vida.

## **LISTA DE SIGLAS**

<b>UFAM</b> – Universidade Federal do Amazonas .....	04
<b>CNPq</b> – Conselho Nacional de Pesquisa .....	04
<b>IBGE</b> – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.....	38
<b>RMM</b> – Região Metropolitana de Manaus.....	36

## LISTA DE FIGURA

<b>Figura 1</b> – Região Metropolitana de Manaus.....	37
<b>Figura 2</b> – Delimitação do bairro dos Educandos.....	37
<b>Figura 3</b> – Rua principal no início da ocupação do bairro dos Educandos .....	40
<b>Figura 4</b> – Ocupação maciça na fronteira natural do bairro .....	41
<b>Figura 5</b> – Ocupação maciça na fronteira natural do bairro .....	41
<b>Figura 6</b> – Escala pluviométrica, figura obtida no período da cheia de 2009.....	56
<b>Figura 7</b> – Escala pluviométrica, figura obtida no período de seca.....	56
<b>Figura 8</b> – Água e embarcações nas portas das casas.....	61
<b>Figura 9</b> – Barranco em erosão na margem do igarapé.....	61
<b>Figura 10</b> – Central do Cidadão.....	72
<b>Figura 11</b> – Central do Cidadão.....	72



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Migração de 2001 - 2010 para Manaus com destino habitacional o bairro dos Educandos.....	51
<b>Tabela 2</b> – Migração recente 2006 – 2010 campo cidade no bairro dos Educandos.....	54

## **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>Gráfico 1</b> – Faixa etária dos migrantes (2006 - 2010).....	58
--	----

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
1.1 A obra de Pierre Bourdieu e nossa pesquisa.....	16
1.2 Representações sociais.....	26
1.3 A socialização do homem do campo com os símbolos próprios do mundo moderno.....	31
1.4 Sociedade e <i>habitus</i> .....	33
1.5 Dinheiro e a modernidade.....	36
APROXIMAÇÃO DO BAIRRO DOS EDUCANDOS .....	37
SEÇÃO 1 – A água engole a terra.....	42
1.1 A influência da natureza no trabalho do camponês amazonense.....	42
1.2 Na socialização do camponês primeiro vem o trabalho.....	44
1.3 As relações de imediações do camponês.....	47
SEÇÃO 2 – Em busca de uma vida melhor .....	49
2.1 O migrante na perspectiva sociológica.....	49
2.2 Origens dos migrantes.....	50
2.3 Circunstâncias da migração camponesa.....	53
2.4 A relação campo cidade.....	59
SEÇÃO 3 – Aqui é melhor do que lá.....	63
3.1 Modo de vida na metrópole.....	63
3.2 A cidade tem códigos.....	66
3.3 Metamorfose do Habitus.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	76
ANEXOS.....	78
Anexo A – Cronograma.....	79
Anexo B – Roteiro de entrevista semi-estruturada.....	80
Anexo C – Termo consentimento livre esclarecimento da pesquisa.....	82

## INTRODUÇÃO

Este trabalho toma como referência a obra clássica de Pierre Bourdieu (1979), o *desencantamento do mundo*: estruturas econômicas e estruturas temporais. Deste modo, ao (re) tomar a *noção* de *desencantamento do mundo*, faz uma reflexão para compreender as transformações do modo de vida e respectivas representações sociais dos migrantes recentes, objeto desta pesquisa, que ao se deslocarem de um mundo instituído de *terras, florestas e águas de trabalho* (WITKOSKI, 2007), para a cidade, espaço por excelência do mundo artificial, passam por uma verdadeira transformação do seu modo de ser – o que implica, necessariamente, na (re) estruturação do seu modo de vida.

Para tanto, escolhemos o bairro dos Educandos como campo para a realização deste estudo. Dentre outras razões que nos levaram a escolha deste bairro como lócus da pesquisa, se destacam o fato do mesmo, além de fazer parte da história de Manaus constando nos arquivos como o primeiro bairro desta cidade, também possui em seu histórico registro de recebimento de grande número de migrantes.

Nesse contexto, a ressignificação da vida do migrante recente campo/cidade na cidade de Manaus, em especial no bairro dos Educandos, enfocando o tema do *desencantamento do mundo* – é o que estamos investigando. Que fique claro: não estamos interessados nos processos migratórios, mas nas transformações do *habitus* dos migrantes que, ao se deslocar do campo para cidade, no caso, uma grande metrópole, sofre profundas transformações. Assim, nosso olhar sociológico tem como objetivo realizar um estudo da *ressignificação da vida* dos migrantes recentes, que nos últimos cinco anos, migraram do campo da Região Amazonense para a cidade de Manaus e nesta, fazendo a opção por se instalar no bairro dos Educandos, passando a interagir e participar de forma direta e/ou indireta da construção da história e da sociedade local.

Assim, em razão da perspectiva sociológica adotada, gostaríamos de esclarecer que nossa proposta está centrada nos sujeitos sociais que migraram do campo para a cidade de Manaus. Outro aspecto que consideramos relevante esclarecer, diz respeito à faixa etária dos entrevistados – 36 a 45 anos – e ao período em que estes passaram a habitar na cidade – últimos cinco anos – atentando para o fato de serem predominantemente migrantes do estado do Amazonas e possuírem nacionalidade brasileira.

Com o intuito de compreender a ressignificação do modo de vida do migrante recente, o projeto faz uma análise das dificuldades que se apresentam aos sujeitos sociais que migraram do campo para a metrópole da floresta refletindo sociologicamente a ressignificação de suas vidas – noutras palavras, nos esforçamos para verificar de que maneira ocorre a estes sujeitos sociais o *desencantamento do mundo*. Atentando para o fato de que o *desencantamento do mundo* – na perspectiva adotada – refere-se, entre outras possibilidades, à noção de desvelamento do mundo da ciência – no mundo urbano a vida sofre influência das descobertas científicas e tecnológicas – inserção em uma economia até então desconhecida e mudança do modo de vida tradicional para o modo de vida moderno da metrópole, onde o homem a todo instante é impelido a fazer uso da razão.

Para a realização desta pesquisa, adotamos mecanismos que possibilitam uma melhor compreensão e aprofundamento no conhecimento científico sobre esta temática. Para tanto, buscamos suporte teórico e metodológico através de leituras que se reportam a conceitos dos quais se destacam: *habitus*, representações sociais, modo de vida, cotidiano e *desencantamento do mundo*.

Ao longo do período em que foi desenvolvida a pesquisa, realizamos visitas exploratórias ao bairro dos Educandos para capturar figuras e criar um banco iconográfico, onde é possível perceber as transformações do espaço e, também, estabelecer contato com os

entrevistados para praticar *o olhar*, *o ouvir* e posteriormente, *o escrever*. Destarte, realizar a observação participante, posto que o objeto desta reflexão vivem no bairro e, portanto, atuam neste espaço se locomovendo nas ruas, participando do comércio local, dos festejos, enfim, vivem e se relacionam na vida cotidiana.

O processo de socialização dos seres humanos começa na infância. Desde muito cedo a criança humana começa a assimilar as representações sociais próprias do grupo social no qual está inserida. Deste modo seu *habitus* individual vai sendo estruturado na estrutura social do seu grupo. Entretanto, cada sociedade possui suas especificidades, conforme nos recorda MARTINS (1973): logo, cada sociedade engendra para si suas próprias representações sociais que conseqüentemente são transmitidas aos sujeitos sociais nos processos de socialização.

A realização empírica da investigação nos permite intuir que o migrante, para viver na cidade (sociedade distinta da sua de origem) terá que assimilar as representações sociais próprias da sociedade urbana. Razão esta, que nos desperta o interesse em investigar empiricamente o *desencantamento do mundo* causado pelas transformações do modo de vida dos migrantes recentes, procurando revelar as suas transformações apoiado no conceito de *habitus*.

Para expor nossas reflexões acerca desta temática, dividimos este trabalho em três seções. A primeira, *A água engole a terra*, traz uma reflexão sobre a influência das intempéries da natureza na produção da vida material do camponês, destacando a economia de subsistência da unidade de produção familiar e as prioridades do trabalho e da educação formal no processo de socialização tradicional da criança camponesa; também abordamos as relações de mediações do camponês centradas nas subjetividades. Em linhas gerais, ponderamos sobre o modo de vida do migrante no seu lugar de origem.

Já na segunda seção, *Em busca de uma vida melhor*, a reflexão é pautada pela caracterização sociológica do migrante, destacando dentre outros aspectos, as origens dos migrantes identificados pela pesquisa de campo realizada no bairro dos Educandos com o propósito de dar suporte para este trabalho; as circunstâncias que levam o camponês a migrar e a forma própria destes se relacionarem com as pessoas dos seus lugares de origem que lá ficaram, por intermédio das trocas de mercadorias.

A última seção, *Aqui é melhor do que lá*, tem como proposta revelar, a partir do conceito de *habitus*, as transformações do modo de vida dos migrantes na cidade de Manaus. Para tanto, analisa o modo de vida especificamente urbano da metrópole com suas relações objetivas de caráter impessoal, onde todas as ações dos sujeitos são coordenadas racionalmente para fins objetivos, não deixando espaço para as subjetividades, destacando que a cidade opera por meio de códigos e, portanto, exigindo do migrante, assim como o faz com o homem metropolitano, o uso da razão, nos dando suporte para revelar o *desencantamento do mundo* na cidade de Manaus.

# 1 REFERENCIAL TEÓRICO

## 1.1 A obra de Pierre Bourdieu e nossa pesquisa

Nossa pesquisa se ocupa em investigar a partir do conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu (1979), as transformações que passam os sujeitos sociais que foram socializados no campo e que nos últimos cinco anos saíram deste contexto para viver na cidade de Manaus. Deste modo, faremos uma reflexão sobre a ressignificação da vida apoiada no conceito de *habitus*.

Ao tomarmos como referência para a nossa pesquisa a obra clássica de Pierre Bourdieu (1979), *O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais*, compreendemos que para um melhor entendimento da nossa pesquisa é necessário fazer um resumo da referida obra e ao longo deste faremos nossas ponderações sobre nosso estudo. De início, gostaríamos de informar que este livro foi redigido em 1963, e é uma versão condensada da pesquisa de campo que Bourdieu (1979) realizou na Argélia entre 1958 e 1961.

Para Pierre Bourdieu (1979) este estudo não se trata de uma interrogação sobre estruturas e *habitus*. Ele foi formulado a partir das observações das divergências constantes que se apresentam no campo econômico, onde se configuram desencontros entre os agentes e o mundo econômico “espaço” onde aqueles atuam no cotidiano. É a transição de um mundo com economia pré-capitalista que possui um modo de vida tradicional com estruturas estruturadas para um mundo com viveres modernos guiados pelo capitalismo e sua estrutura em constante mutação.

No início da obra Bourdieu (1979) faz um alerta para aqueles que colocam a cultura como obstáculo para o desenvolvimento. O autor compreende que os que procedem desta



forma são pautados pela racionalização econômica, ou seja, são os filósofos que pregam que o homem precisa evoluir para usufruir dos benefícios trazidos pelo desenvolvimento da economia. Neste sentido, Bourdieu (1979) ressalta que tal filosofia é, dentre outros fatores, responsável pela produção da ignorância.

[...] Ignorância das *condições econômicas* que determinam a adoção de um comportamento econômico “racional” e pretende que o homem das sociedades pré-capitalistas acabe se convertendo em homem “desenvolvido” para poder desfrutar das vantagens econômicas de uma economia “desenvolvida” (BOURDIEU, 1979, p. 11).

A antropologia cultural é alcançada pela abstração da filosofia do desenvolvimento. De algum modo, fica encoberto o fato de que o “contato cultural” entre as sociedades ocorre de forma verticalizada, ou seja, os sujeitos sociais nesses contatos estão em posições de desigualdades econômicas. Para Bourdieu (1979), neste estudo, as transformações que ocorrem nos estágios de contato derivam dos ritmos desiguais, em outras palavras, as transformações produzidas pelo contato só ocorre quando os indivíduos se encontram em situações econômicas diferentes.

Um sujeito que foi socializado no campo possui representações sociais que em muito diferem das representações sociais que fazem parte do modo de vida urbano. O sujeito social que sai do campo em direção a cidade deixa “tudo” para trás e adentra outra sociedade vai se deparar com condições em que ele será compelido assimilar as representações sociais do outro e, deste modo, a ressignificar suas representações sociais para ter o mínimo de condições de produção da vida material. Afinal, a cidade possui outro ritmo econômico e na grande maioria dos casos os sujeitos estão em condições desfavoráveis para enfrentar essas situações.

Os ritmos desiguais (segundo os indivíduos e os grupos) da transformação das atitudes econômicas são fundamentalmente o reflexo das desigualdades econômicas e sociais (BOURDIEU, 1979, p. 12).

As relações estabelecidas nesses contatos são produtos de transformações. Nelas, os atos são praticados não pelo *homem economicus*, mas o *homem real que faz a economia*

(BOURDIEU, 1979, p. 13). Neste sentido vale lembrar que os sujeitos sociais agem de acordo com as representações sociais inerentes ao *habitus* correspondente ao grupo social ao qual faz parte.

O sistema econômico em questão pertence ao grupo do colonizador. Ele surge no mundo argelino já pronto importado da sociedade europeia, sociedade esta onde tal sistema foi engendrado e transmitido aos seus sujeitos sociais como herança, incorporados às suas representações sociais. Nos ritmos desiguais os sujeitos colonizados por tal prática econômica são obrigados a participar do jogo cujas regras exercem influência direta na luta pela produção da vida material.

O homem, mergulhado na ânsia de realizar grandes negociações, engendra uma forma de angariar bens, riquezas e conquistas de mercado consumidor para as suas mercadorias que, por conseguinte, vão proporcionar o acúmulo de riquezas. Desse modo tem início o capitalismo; depois, quando este atinge um estágio mais avançado, esse processo é invertido e tem início uma fase em que o criador é convertido em criatura da sua própria criação.

Para Bourdieu (1979), na contemporaneidade, um exemplo do exposto acima é a pesquisa de mercado realizada pelo empreendedor antes da tomada de decisão sobre investir em determinado local ou setor. Bourdieu (1979) se reporta a esta linha de raciocínio denominando-o de “psicologia econômica”. Segundo ele, a psicologia econômica e o sistema econômico se desenvolvem dialeticamente envolvidos em relações de dependência, e de prioridade recíproca. Tal dependência é fruto da economia em ascensão importada e imposta de forma forçosa pelo colonizador.

Os sujeitos sociais são levados a ressignificar a vida criando representações que os auxiliam no modo de produção da vida no mundo moderno onde as relações são pautadas

pelo espírito da racionalização. Nesse contexto, a tendência ao aparecimento do espírito do cálculo e da precisão se alimenta da atmosfera da racionalização e na medida em que essa tendência evolui, tende a se impor de forma quase autônoma.

Para Bourdieu (1979), a nova forma de viver embasada na economia capitalista possui técnicas que são passadas na vida cotidiana desde os primeiros estágios do processo de socialização do sujeito. São memórias sociais, através das quais, os grupos asseguram sua transmissão como forma de evitar futuras repressões e mal-estar social.

A necessidade de transmitir essas memórias é de vital importância para o grupo social e/ou mesmo para o sujeito individualmente prosseguir na vida cotidiana; por esta razão são criadas diferentes formas de representar os objetos. Para assegurar a transmissão dessas memórias para as gerações futuras, os grupos sociais criam representações sociais que funcionam como símbolos fieis de representação dos objetos.

É através das representações sociais que a memória é transmitida. Dentre outras necessidades de criar e armazenar memórias, destaca-se o fato de evitar penalidades para o “bicho homem”. Ela é de suma importância para os sujeitos sociais, é preciso lembrar para prosseguir.

Para o progresso da economia racional os trabalhadores de diferentes setores da produção e do comércio *são estimulados com prêmios para contribuir com o avanço do racionalismo econômico* (BOURDIEU, 1979, p. 15). Além disso, se vê as crianças desde muito cedo sendo moldadas pelo *habitus* econômico. Dessa maneira ocorre a desagregação do modo de vida socialmente compartilhado pelo grupo social e, em seu lugar, os sujeitos sociais são forçados a assimilar o modo de vida racionalmente calculado imposto pela economia capitalista.

Vale lembrar que os sujeitos possuem um *habitus* e que este *habitus* dura mais do que muda, daí ocorrer com frequência a existência de diferentes estruturas econômicas mesmo na contemporaneidade, onde vivemos numa sociedade global e a calculabilidade e previsibilidade transpassam a vida cotidiana dos sujeitos e afetam todos os aspectos da vida econômica.

O sistema econômico em via de “racionalização” tem os meios para moldar os agentes de conformidades às suas exigências [...]. A adaptação a uma ordem econômica e social, qualquer que ela seja, supõe um conjunto de conhecimentos transmitidos pela educação difundida ou específica (BOURDIEU, 1979, p.18).

Para melhor compreensão do exposto acima, vamos tomar como exemplo o processo de socialização do sujeito ainda na infância. Nesse contexto, a criança recebe a orientação da necessidade de vencer na vida ou mesmo conquistar uma melhor posição social e econômica que lhe proporcione uma vida melhor desde que tem início o processo de socialização ainda no seio da família, sendo depois esta orientação afirmada na escola e no grupo social. Ou seja, o sujeito nasce inserido numa estrutura estruturada estruturante que vai desde muito cedo se encarregar de inculcar na criança um *habitus* econômico.

Para a economia pré-capitalista argelina, a preservação do futuro era planejada com cálculo e previsão. Embora os camponeses argelinos desconhecêssem a economia capitalista, eles praticavam alguma forma de cálculo que lhes permitia de certo modo estarem preparados para problemas futuros que porventura viessem a ocorrer e de algum modo prejudicar a colheita.

A previsão dos camponeses argelinos ocorre em virtude do consumo e não do acúmulo da produção com fins lucrativos, pois estes preferem guardar os excedentes da produção em forma de mantimentos que comercializá-los para investir na produção e desse modo aumentar o lucro, como ocorre na economia capitalista. Ao proceder dessa maneira o camponês permanece num modelo de produção tradicional herdado socialmente.

Para o camponês argelino a honra significa uma riqueza e o prestígio junto a comunidade vale mais que qualquer outra forma de riqueza. Bourdieu (1979) relata que a competição entre os aldeões é pelo prestígio e não por rentabilidade.

Os dois “partidos” que dividem a maioria das aldeias ou, então, entre duas grandes famílias as tenham conduzido a se proverem, uma e outras, dos mesmos equipamentos, moendas para óleo, moinhos a motor, caminhões, etc., sem terem preocupações com a rentabilidade (BOURDIEU, 1979, p. 23).

As medidas agrícolas que tendem a romper com a tradição em modificar o ciclo de produção agrícola na Argélia só eram vistas na produção dos colonos europeus ávidos por lucro. Para o camponês argelino a permuta monetária gera desconfiança, mas isso não quer dizer que eles não praticassem a permuta. Porém, as permutas por eles praticadas eram realizadas segundo as tradições argelinas. Nesse contexto o lucro só fazia sentido para o europeu, já para o argelino não possuía o mesmo sentido.

A representação do lucro para o europeu difere da representação para o camponês argelino, pois este possui um *habitus* em que os valores são centrados na honra e no prestígio junto aos sujeitos do grupo social a que faz parte, enquanto que o europeu possui um *habitus* do lucro monetário. Este foi estruturado em uma estrutura social em que o lucro monetário possui representações que lhe são familiares, portanto representações socialmente aceitas pelos membros da sociedade europeia.

No campo as representações sociais sobre o mundo do trabalho diferem das representações do mundo do trabalho da cidade. De igual modo, aqui, como ocorreu aos camponeses argelinos, os sujeitos sociais, objeto de nossa pesquisa, também foram socializados em um modo de economia que difere da economia praticada na metrópole. No primeiro caso, o sujeito é inserido com propósitos voltados para a sobrevivência do grupo familiar, pois a unidade de produção para o camponês consiste no objetivo de produção e consumo diferentemente da sociedade urbana, onde o trabalho tem num primeiro momento a

paga em espécie monetária. Já no contexto da metrópole, é no dinheiro que se concentra a representação da medida de troca equivalente para as mais diversas mercadorias que o sujeito possa vir a necessitar ou não.

É esse poder de antecipação ou de representação, e mesmo de realização antecipada de um valor futuro, que é a função essencial do dinheiro, particularmente, nas sociedades progressivas (BOURDIEU, 1979, p. 26).

Os sujeitos são estruturados dentro de uma estrutura onde desde os primeiros momentos de socialização são familiarizados com os símbolos que fazem sentido para o grupo social a que pertencem e, mesmo que venham a ocorrer mudanças na estrutura social, outras representações são criadas e incorporadas ao *habitus*. Este, mesmo possuindo estruturas que embora sejam estruturadas e estruturantes, permanece mais do que muda.

Os argelinos possuem suas próprias representações sociais e econômicas. Lidar com dinheiro significa a necessidade de assimilação da utilização do mesmo, ou seja, é preciso que assimilem as maneiras de lidar com os símbolos que fazem parte da economia capitalista.

Agentes econômicos formados com outras lógicas econômicas devem fazer às suas custas a aprendizagem da utilização racional do dinheiro como medida universal das relações econômicas: a tentação é grande com o efeito de converter o salário que acabou de ser recebido em bens reais, alimentos, roupa branca, mobília etc. (BOURDIEU, 1979, p. 27).

As situações expostas acima apresentam semelhanças com o objeto desta pesquisa, pois o sujeito social da nossa pesquisa, assim como o camponês argelino, possui um *habitus* social que faz parte do seu grupo de origem. Neste caso, o camponês da região amazonense, onde as atividades estão voltadas para práticas que se destinam a produção e consumo familiar.

O homem do campo produz seu próprio alimento não tendo a obrigação, como o homem da cidade, de administrar o salário mensal com cálculo e previsão para que os

rendimentos auferidos deem conta das necessidades que a vida na metrópole lhe impõe, pois lá no campo ele mesmo planta, colhe, pesca e caça para suprir suas necessidades.

Neste estudo verificamos as condições/razões em que se deu a vinda desses sujeitos para Manaus e verificamos que entre eles se encontram alguns em que em seus lugares de origem eram camponeses e para vir para Manaus tiveram que lançar mão de suas propriedades e na capital foram compelidos a se adaptar a um modo de vida distinto daquele que tinham em seus lugares de origem.

Na Argélia, grande numero de pequenos proprietários, por meio de pressões, foram forçados a vender suas propriedades e rumar para a cidade. Em nossa pesquisa também encontramos camponeses que semelhante aos argelinos foram pressionados, por razões diversas, a sair do campo e migrar para a cidade de Manaus.

[...] Um sem-número de pequenos proprietários acossados pela miséria foi tentado pelo atrativo do dinheiro e eles venderam suas terras; pouco familiarizados com o uso do dinheiro, bem depressa dissiparam seu pequeno capital e se acharam obrigados a arrendar-se como operários agrícolas ou então a fugir em direção da cidade (BOURDIEU, 1979, p. 28).

No sistema econômico capitalista o crédito se preocupa com a própria segurança e tal prática não estava inserida no *habitus* dos colonos argelinos. Eles foram inseridos forçosamente neste sistema econômico onde tiveram que assimilar representações que lhes possibilitassem a compreensão do *habitus* econômico europeu. Vale lembrar que as estruturas das relações sociais argelinas são regidas pela via amigável, ou seja, pela boa-fé, pela moral e pela honra; representações estas que só fazem sentido para estes sujeitos que foram socializados no modo de vida tradicional argelino.

Semelhante ao camponês argelino, o sujeito social objeto da nossa pesquisa possui um *habitus* social inerente ao seu grupo e que, portanto, diverge do *habitus* social da metrópole. Outro aspecto que Bourdieu destaca no livro é a lógica que rege o modo de vida dos Calibas,

o mundo destes camponeses é regido no plano da irrealidade, é um mundo subjetivo das possibilidades.

“Aonde vais?”, perguntaram um dia a Djehar, personagem imaginário no qual os calibas gostam de se identificar. “Vou ao mercado”. “Como! E não dizes se aprover a Deus?” Djehar segue adiante, mas, chegando na floresta, é moído de pancadas e despojado pelos salteadores. “Aonde vais, Djehar?” perguntaram-lhe novamente. “Volto para casa... se aprover a Deus” (BOURDIEU, 1979, p. 30).

A pesquisa de Bourdieu revela que a vida dos camponeses argelinos está fortemente ligada às suas práticas econômicas. É possível observar que os argelinos utilizam os cálculos em suas práticas cotidianas e nas transações comerciais que os membros do grupo estabelecem entre si. Contudo, esse cálculo por eles praticado não pode ser confundido com o cálculo da economia capitalista, haja vista que o mesmo se encontra em outra lógica.

As relações sociais dos argelinos possuem caráter pessoal, em geral os acordos econômicos são feitos entre pessoas conhecidas, amigos e/ou familiares. Daí, essas práticas econômicas estarem em polos opostos à economia.

O cálculo está a serviço do sentimento da equidade e opõem-se na avaliação quantitativa do lucro, acumula as aproximações arriscadas e desinteressadas (pelo menos na aparência) de uma moral da generosidade e da honra (BOURDIEU, 1979, p. 36; 37).

Entre os argelinos, destaca Bourdieu (1979), o cálculo praticado pelos camponeses é feito de forma velada. Velada no sentido de não ser tratado como cálculo propriamente, pois, se assim o fosse, este seria rejeitado. Neste contexto a terra não é vista pelos argelinos como capital, embora seja admitido pertença a quem a lavra.

[...] A troca de dádivas é uma troca na e pela qual as pessoas se esforçam por encobrir a verdade da troca, isto é, o cálculo como garantia da equidade da troca (BOURDIEU, 1979, p. 40).

O trabalho para o camponês argelino possui uma função social, entre os calibas é o trabalho que demonstra/estabelece as fronteiras subjetivas e objetivas dos que possuem as posições mais elevadas dentro do grupo familiar. *O trabalho como função social faz parte dos deveres tradicionais* (BOURDIEU, 1979, p. 45). Enquanto a função do trabalho se afirma



pela via da tradição se mantem encoberta as diferenças entre funções social e econômica. Neste sentido, o modo de vida tradicional se assemelha a uma empresa metódica.

O desencantamento do mundo, isto é, o desaparecimento dos encantos e dos prestígios que preendiam para uma atitude de submissão e de homenagem para com a natureza, coincide com o prejuízo do esforço para cativar a duração pela estereotipização mágico-mítica dos atos técnicos ou rituais que visavam fazer do desenvolvimento temporal “a imagem nobre da eternidade” (BOURDIEU, 1979, p. 46).

Para os calibas, agir contra o tempo estabelecido pelo grupo é transgredir uma ordem social. Noutras palavras, é transgredir uma ordem que se confunde com a ordem que rege o mundo, e os argelinos não poupam esforços nem cuidados para manter seu modo de subsistência enquanto sociedade. Manter ou não a tradição no modo de vida do trabalhador camponês está sob a dependência deles em despertar o desejo pelo progresso ou o surgimento de uma “consciência revolucionária”.

Outro ponto que Pierre Bourdieu (1979) trata neste livro é a fricção cultural por que passava aquela sociedade cujas práticas se embasavam no modo de vida tradicional e com a chegada do colonizador se viu inserido em um mundo com modo de vida, conduta social, regras econômicas dentre outras novidades importadas pela sociedade europeia (francesa), que chegara para ficar e apropriar-se do que lhes parecessem convenientemente lucrativo.

A estrutura do *habitus* que atua na estruturação social do modo de vida dos sujeitos da sociedade argelina passa por ressignificações que são também ressignificadas em um curto espaço de tempo. Vale lembrar que o *habitus*, assim como as representações sociais que o engendram, é coletivo e individual dialeticamente posto que cada sujeito social é dotado de capacidade criadora e também dotado de memórias que por sua vez são tanto de caráter coletivo quanto pessoal/individual, uma vez que os sujeitos são seres racionais e como tal possuem vontades, gostos, paixões dentre outros sentimentos que somente o próprio sujeito está capacitado para mensurar o quanto estes valores representam para si mesmo.

Aqui nos interessa saber como os sujeitos da pesquisa passaram por situações que implicou na necessidade de assimilar novas representações sociais diferentes das que fazem parte do *habitus* inerente ao grupo social de suas origens. Pois como dito anteriormente, ao mudar de sociedade o sujeito adentra em outra e, como cada grupo social possui seu próprio *habitus* social e, portanto, constrói para si suas próprias representações sociais é possível inferir que estes sujeitos são também estruturados em seu próprio *habitus*.

## 1.2 Representações sociais

As representações sociais permitem a comunicação nas relações diáticas. É através das representações sociais que os símbolos são identificados. A natureza das representações sociais é passiva de observações em múltiplas ocasiões, pois elas estão presentes nas imagens, nos diálogos, nos discursos divulgados pelos diferentes meios de comunicação etc.

Elas estão inscritas em diferentes circunstâncias das relações sociais na vida cotidiana. Dentre suas funções estão as de orientar e organizar o aprendizado, auxiliando na assimilação e na difusão do conhecimento, elas são.

[uma] forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social [...]. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, essa forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido a sua importância na vida social e a elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais (JODELET, 2001, p. 8, 22).

Nesta perspectiva, a utilização do conceito de representação social trabalhado por Denise Jodelet (2001) se aplica a nossa pesquisa, pois nossas reflexões se reportam a sujeitos sociais, migrantes recentes, que passam a viver em Manaus nos últimos cinco anos, e, como cada indivíduo é moldado conforme as representações sociais do grupo a que pertencem, quando estes realizam esse deslocamento, deixando *tudo* para traz, seguem na esperança de

realizar seus sonhos. Porém, como descreve Martins (1973), cada sociedade possui as suas especificidades, nenhuma sociedade é igual à outra.

Deste modo, conforme Jodelet (2001), podemos perceber a atuação das representações sociais como mecanismo que possibilita a assimilação e difusão do conhecimento e, por conseguinte, ponderamos que nenhum grupo social é igual a outro. Nessa perspectiva, para estabelecer comunicação os grupos sociais criam representações que possibilitam a interação social do grupo. Logo, partindo dos princípios acima estabelecidos, é possível concluir que cada sujeito porta consigo representações que são próprias do seu grupo social de origem, por sua vez independente delas serem individuais ou coletivas estarão intrínsecas nas projeções do seu cotidiano, são elas que vão auxiliá-lo na compreensão de novos fatos que se processam.

Assim sendo, um sujeito social que migra certamente vai se deparar com condições adversas que não fazem parte do seu capital simbólico<sup>1</sup> originário, condições adversas se imporão obrigando-o ressignificar o seu modo de vida. Em nossa pesquisa, trabalhamos com sujeitos sociais que saíram do campo e passaram a viver na cidade e, portanto, passaram a vivenciar uma realidade social dista da sua de origem, e neste caso tiveram que assimilar as representações sociais do grupo social em que estão se inserindo.

Ao entrar em contato com outra sociedade, os sujeitos assimilam as representações sociais do grupo em que se encontram para se adequar as novas condições e situações que a vida na cidade impõe, eles são compelidos a buscar formas de adaptação assimilando símbolos e costumes que são próprios da nova realidade social em que se encontram.

---

<sup>1</sup>Segundo Bourdieu (2000), o capital simbólico, diferentemente das outras modalidades de capital, não é imediatamente perceptível como tal e os efeitos de sua duração também obedecem à lógica (s) diferente (s). Espécie de poder ligado à propriedade de *fazer ver* e *fazer crer*, o capital simbólico é, grosso modo, uma medida do prestígio e/ou do carisma que um indivíduo ou instituição possui em determinado campo – seja ele econômico, social, político, religioso etc.

Em tal situação, a assimilação de representações sociais do outro é de fundamental importância, é através delas que o sujeito vai estabelecer comunicação, usando as expressões de Jodelet (2001):

Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais (p. 22).

Desse modo, diante da necessidade da produção material/simbólica da vida, inerente aos seres humanos, no contexto de desigualdade econômica e social que se apresentam a maioria dos migrantes brasileiros – e é o caso da nossa pesquisa – os sujeitos sociais que migram buscam ressignificar seu modo de vida. Aqui, conforme reflexão de Jodelet (2001) sobre a compreensão das transformações sociais como fenômeno cognitivo, a transmissão de *modelos de condutas e pensamentos, socialmente inculcados ou transmitidos pela comunicação social, que a ela estão ligadas* (p. 22), os símbolos significantes contidos nas representações são socialmente inculcando para desenvolver condições de suprir as necessidades econômicas impostas pela realidade social distinta da realidade do seu lugar de origem.

Na luta cotidiana para obtenção dos meios de sobrevivência esses indivíduos são levados a desempenhar os mais diversos trabalhos ficando, em segundo plano, a realização dos sonhos de uma vida com condições mais dignas. Dessa forma, os indivíduos são forçados a inventar/reinventar novas formas de viver, ou seja, como argumenta Jodelet (2001), na perspectiva sociológica a representação social aparece dentre outros como fator de transformação social. E nesse sentido, podemos inferir que os sujeitos da pesquisa, na metrópole, são levados constantemente a passar por transformações, para adaptarem-se as novas condições impostas pelas desigualdades socioeconômicas do lugar para onde migrou.

Devido às especificidades de cada sociedade conclui-se que as sociedades são proeminentemente distintas umas das outras. Como foi dito anteriormente, as representações sociais não são as mesmas para todos os membros da sociedade e tampouco o são para todas as sociedades, pois elas dependem do contexto sociocultural em que foram produzidas e do conhecimento de senso comum inerente a cada grupo social. Noutras palavras, dependem do conhecimento popular e do contexto a que fazem parte os sujeitos que as produziu.

Na atualidade, o cotidiano é perpassado por símbolos do moderno que em muitos casos não fazem parte do contexto de socialização dos sujeitos que os usa. São símbolos produzidos em outros contextos sociais e, quando utilizados por sujeitos que ainda não incorporaram o significado que eles expressam, os usos destes na vida cotidiana não correspondem à representação efetiva que este significa em sua totalidade.

Para José de Sousa Martins (2001), mais se fala da modernidade do que ela efetivamente representa em nossa sociedade. Para se falar da modernidade deve-se também, falar de problemas que fazem parte da vida cotidiana dos sujeitos, das misérias que lhe são intrínsecas como exploração, desemprego, deturpação dos valores dentre outros aspectos que embora não façam parte do moderno tais situações afloram na modernidade. [...] *A modernidade só o é quando pode ser ao mesmo tempo o moderno e a consciência crítica do moderno* (p.18).

O sujeito social que sai do campo para viver na metrópole, em seu cotidiano, vai estabelecer relações diretas e indiretas com uma sociedade permeada por símbolos e signos próprios que implicam princípios de racionalização e calculabilidade tanto do tempo quanto das ações que se desenvolvem com meios e fins. São símbolos que permeiam as relações sociais na vida cotidiana e que o sujeito tem que assimilá-los para desenvolver sua vida.

Nenhuma sociedade é igual à outra e, sendo assim, cada sociedade elabora para si representações sociais atribuindo a cada uma delas valores que só são percebidos na sua totalidade pelos sujeitos sociais e pelos membros que compõem a sociedade. Nas interações face a face, o significado destas representações é compreendido tornando possível aos sujeitos se comunicarem através dessas representações carregadas de signos com significados significantes.

Cada sociedade possui suas próprias crenças e ou religião, mesmo aquelas que afirmam não possuir religião ainda assim se contradizem na religiosidade que expressam em afirmar que não o são. Quando um sujeito social se desloca de sua sociedade e, sendo esta sociedade a qual esteve inserido desde o início da construção de suas representações sociais e ou mesmo em outra, na qual tenha estabelecido relações de socialização, ele é levado a ressignificar suas representações sociais de acordo o que lhe é “exigido”. Pois, entre as relações sociais ocorrem intrinsecamente uma relação de forças que atua diretamente nesse contato pressionando o dominado a assimilar as representações sociais do dominante.

[...] O indivíduo sofre a pressão das representações dos dominantes na sociedade e é nesse meio que pensa ou exprime seus sentimentos. Essas representações diferem de acordo com a sociedade em que nasce e são moldados. Portanto cada tipo de mentalidade é distinta e corresponde a um tipo de sociedade, às instituições e as práticas que lhe são próprias (JODELET, 2001, p. 49).

Cada vez que um novo saber é elaborado e passa a fazer parte da vida coletiva ele torna-se de nosso interesse.

[...] Representando uma coisa ou uma noção, não produzimos nossas próprias ideias ou imagens: criamos e transmitimos um produto progressivamente elaborado em e inúmeros lugares, seguindo regras variadas. Dentre esses limites, o fenômeno pode ser denominado representação social. Tem um caráter moderno pelo fato de que, em nossa sociedade, substituímos mitos, lendas e formas mentais correntes das sociedades tradicionais: sendo seu substituto e seu equivalente, herda simultaneamente certos traços e poderes (JODELET, 2001, p. 63).

### **1.3 A socialização do homem do campo com os símbolos próprios do mundo moderno**

Segundo Martins (2000) a fragilidade da modernidade brasileira, ocorre em virtude desta seguir padrões elaborados por outras sociedades, em geral sociedades europeias com interpretações e realidades sociais que distam em muitos aspectos da sociedade brasileira.

A cotidianidade aqui é compreendida não só como repetições banais de eventos, mas principalmente como diferentes práticas e ações realizadas pelo homem nos diferentes contextos do seu viver cotidiano. Em muitas ocasiões da vida cotidiana o homem pensa de um modo e age de outro.

No Brasil mais se fala de modo de vida moderno do que de fato se vivencia a modernidade. De acordo com Martins (2000), *mais se fala da modernidade do que ela efetivamente é [...] a modernidade só o é quando pode ser ao mesmo tempo o moderno e a consciência crítica do moderno* (p.18). Ou seja, para se falar da modernidade deve-se também, falar das misérias que lhe são intrínsecas como: exploração, desemprego, deturpação dos valores dentre outro aspectos que embora não façam parte do moderno são reflexos deste processo. Tais situações afloram na modernidade.

O migrante recente que tem o campo como seu lugar de origem, tem também um modo de vida próprio – sua cultura é pautada pela via da tradição – que difere do modo de vida na metrópole onde tudo é permeado por símbolos e signos próprios – do mundo moderno – que implicam princípios de racionalização e calculabilidade tanto do tempo quanto das ações que se desenvolvem com meios e fins próprios que permeiam as relações sociais do cotidiano.

[a] Modernidade é a realidade social e cultural produzida pela consciência da transitoriedade do novo e do atual [...] faz do sujeito um objeto, inclusive um objeto de si mesmo, o sujeito posto como estranho em relação a si mesmo (MARTINS, 2000, p. 19).

Nesse sentido, se consideramos o homem como protagonista da sua própria história e a modernidade como possibilidades de desenvolvimento e transformações econômica, social e cultural capazes de realizações que satisfaçam o contentamento humano. Martins (2000) relata que *a modernidade só é possível como momento contraditório dessa humanização* (19). É preciso compreender que a modernidade está para além dos símbolos e signos próprios do moderno, ela é antes de tudo a incorporação de uma postura fato que não ocorre de imediato em um primeiro contato.

A vida no ambiente urbano requer um modo de vida pautado por exigências que são norteadas pelas mais diversas formas de consumo. Assim, a cidade oferece a mais variada carta de opções chegando ao ponto de ela mesma se converter em consumo; não raro são os casos em que determinadas áreas da cidade dão espaço aos pavilhões e conjuntos habitacionais enquanto que as áreas mais centrais e que tiveram uma participação na história, são convertidas em pontos de consumo visual.

“[...] Faz nascer uma nova arte de viver”, um “novo estilo de vida”. A cotidianidade parece um conto de fadas. “Deixar seu casaco no vestuário da entrada e, mais leve, dar uma caminhada após ter deixado as crianças no jardim da infância da galeria, encontrar os amigos, tomar juntos um *drink* no bar” E eis a imagem realizada da alegria de viver. A sociedade de consumo traduz-se em ordem [...] (LEFEBVRE, 2010, p. 32).

Na perspectiva de Henri Lefebvre (2010), a cotidianidade da vida urbana é repleta de desencontros e no caso dos sujeitos sociais que adentram a vida nesse urbano, que é marcado pelas fronteiras que separam as classes sociais que o compõem, logo se deparam com cobranças que os levam a viver nas periferias da cidade onde faltam condições mínimas de produção da vida material. A vida urbana e sua gama de ofertas esta a disposição de quem pode pagar pelo acesso de seus produtos, fato que não faz parte do cotidiano da maioria dos migrantes recém-chegados na cidade de Manaus.



Ainda na temática da nossa pesquisa, ponderamos sobre o desencantamento do mundo, pois este tem seu papel nos processos de compreensão do cotidiano, conceito este que perpassa diferentes esferas da vida cotidiana dos sujeitos sociais, ele está para além da esfera religiosa. É na luta cotidiana pela sobrevivência e garantia de conquista do modo de vida na metrópole que os sujeitos sociais que migraram do campo para a cidade, se deparam a cada instante com situações de adversidades que os impele a agir ou reagir de forma racional, mesmo contrariando aquilo que gostariam de fazê-lo.

Um bom exemplo de como o sujeito pensa de uma forma e age de outra pode ser observado entre sujeitos que cheios de sonhos se deslocam para a cidade em busca de melhores condições de vida e ao chegarem a seu destino se deparam com dificuldades que em muitos casos os levem a pensar em retornar para seus lugares de origem.

A ideia de *desencantamento do mundo*, segundo Pierucci (2005), trata-se da saída do mundo da irracionalidade para entrar para um mundo onde *tudo* faz sentido, um mundo pautado pela racionalidade onde tudo pode ser explicado cientificamente com respostas que se apresentam de forma coerente e fazem sentido.

É como se o desencantamento significasse justamente o contrario do que dele se esperava, a saber, a saída de um mundo incapaz de sentidos e o ingresso num universo significativamente ordenado pelas *ideias* religiosas e, com isso, tornado ele próprio pleno de sentido (p. 88).

#### **1. 4 Sociedade e *habitus***

Cada sociedade possui um *habitus* social que é adquirido pelo sujeito ao longo do processo de socialização deste. De acordo Bourdieu (1983) o *habitus* funciona como uma estrutura estruturada estruturante, ou seja, ele é um sistema de disposições duráveis e transferíveis que atuam como estruturas predispostas a moldar o sujeito.

As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio – as condições materiais de existência características de uma condição de classe – que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e estruturados das práticas e representações que podem ser objetivamente *reguladas* e *regulares* sem ser o produto da obediência à regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (p. 60-61).

O *habitus* nos capacita tanto na identificação quanto na resolução dos problemas que afligem a vida cotidiana. É diante do desconhecido, no campo social, que percebemos a influência do *habitus*. Em diferentes momentos do cotidiano o sujeito está exposto a situações diversas das quais algumas podem exigir dele que sejam tomadas determinadas ações que fogem ao seu conhecimento. Entretanto, mesmo frente ao desconhecido o sujeito pratica a ação que corresponde positivamente na resolução da situação a qual se encontrava, pois o *habitus* o capacita para agir.

[...] O *habitus* como indica a palavra é um conhecimento adquirido e também uma *haver*, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada quase postural (BOURDIEU, 2009, p. 61).

Entretanto ele destaca que ainda assim, as ideias por mais que apresentem semelhanças, sempre vão conter algumas divergências tendo em vista que todo e qualquer ideia, sem exceção, nada mais são que elaborações frutos da imaginação de sujeitos sociais, e os sujeitos, assim como as sociedades, são únicos.

Ainda que os sujeitos sociais sejam estruturados na mesma estrutura social, portanto no mesmo *habitus* e, ainda que as representações sociais sejam uma construção socialmente elaborada e transmitida aos sujeitos como herança social no processo de socialização, ainda assim, cada sujeito engendra para si suas próprias representações; sendo possível inclusive, que as representações coletivas os leve a criar representações individuais destas representações.

Nas análises de Bourdieu (2009), para alcançar êxito no conceito de *habitus* ele percebe diferentes campos de atuação que ao longo de sua pesquisa dão origem ao surgido do conceito de campo, com suas diferentes áreas de pertencimento intrinsecamente ligadas as noções que formulam o conceito de *habitus*.

As dificuldades encontradas pelos migrantes estão para além das diversidades culturais com que eles se deparam no momento em que adentram no lugar do seu destino. Não raro, são os casos em que o migrante foi atraído por possibilidades de ofertas de trabalho engendradas pelos projetos políticos de desenvolvimento econômico de dadas áreas ou regiões do país.

Entretanto, essas ofertas não possibilitam ao sujeito social, migrante recente, o acesso a condições de produção de vida que permitam viver na cidade com acesso aos mecanismos que são próprios ao modo de vida desenvolvida na metrópole. Desse modo, diante da necessidade da produção material/simbólica da vida, inerente aos seres humanos, no contexto de desigualdade econômica e social que se apresentam a maioria dos migrantes brasileiros – e é o caso da nossa pesquisa – os sujeitos sociais que migram buscam ressignificar seu modo de vida para desenvolver condições de suprir as necessidades econômicas impostas pela realidade social distinta da realidade do seu lugar de origem.

Na luta cotidiana para obtenção dos meios de sobrevivência esses indivíduos são levados a desempenhar os mais diversos trabalhos ficando, em segundo plano, a realização dos sonhos de uma vida com condições mais dignas. Em virtude destas razões, esses sujeitos sociais são forçados a inventar/reinventar novas formas de viver, tendo que se adaptarem as novas condições impostas pelas desigualdades socioeconômicas do lugar para onde migraram e deste modo, ressignificam o *habitus*.

## 1.5 O dinheiro e a modernidade

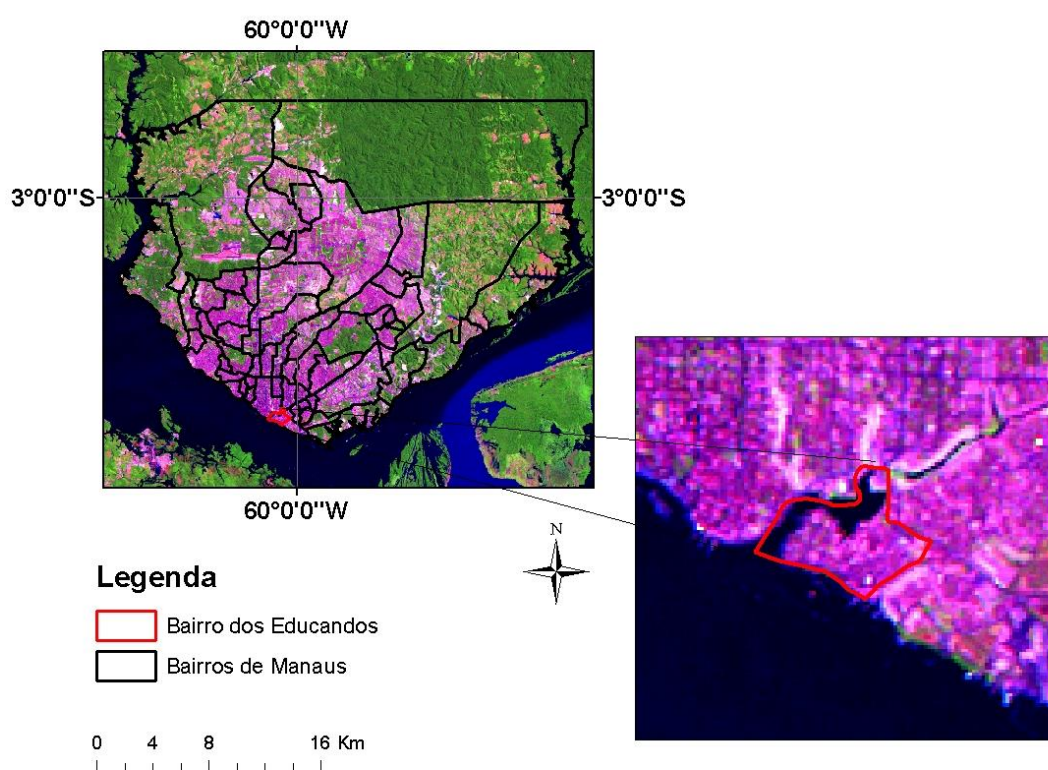
Para Simmel (2005), o dinheiro na cultura moderna assume o papel de um Deus capaz de intermediar todas as trocas. *O dinheiro, ao tornar-se cada vez mais a expressão absolutamente adequada e o equivalente de todos os valores, supera, numa altura meramente abstrata, toda variedade dos objetos. Ele se torna o centro no qual as coisas mais distintas, mais heterogêneas, mais remotas encontram o seu elemento comum e se tocam* (p. 36).

Na vida moderna, são produzidos a todo instante, símbolos de expressão da modernidade e quanto mais difícil se torna o acesso a estes símbolos, mais elevado se torna seu valor de aquisição. Levando os sujeitos a procurar por meios de adquiri-los, tendo em vista que na vida moderna, o cidadão procura se diferenciar entre outras formas pela posse de símbolos exclusivos.

A posição central que o dinheiro assume por meio do crescimento enorme do círculo de objetos alcançáveis por ele irradia a sua influência em vários traços característicos da vida moderna. O dinheiro abriu, para o homem singular, a chance à satisfação plena de seus desejos numa distância muito mais próxima e mais cheia de tentações (SIMMEL, 2005, p. 34).

## APROXIMAÇÃO DO BAIRRO DOS EDUCANDOS

O bairro dos Educandos é um bairro ocupado basicamente por trabalhadores de baixo poder aquisitivo, ele faz parte da Zona Sul de Manaus. Faz fronteira com os bairros de Santa Luzia, Cachoeirinha, Colônia Oliveira Machado e São Lázaro. Para melhor compreensão de sua localização, a figura fornece uma visão da região metropolitana de Manaus e seus respectivos bairros – com destaque para o bairro dos Educandos.



**Figura 1** – Mapa da Região Metropolitana de Manaus – RMM.

**Figura 2** – Mapa do bairro dos Educandos.

Nota-se na figura a esquerda a RMM. A direita observa-se a delimitação física do bairro dos Educandos.

**Fonte:** Acervo do Laboratório de Cartografia do Departamento de Geografia da UFAM, TM/LANDSAT, 2008/INPE, 2008/CPRM, 2005.

Escala (figura 1) 1: 276000 escala (figura 2) 1: 34000.

Org. MARQUES, J. 2011.

Segundo Cláudio Amazonas (2008), a história do bairro começa em 1856 a partir da implantação de um projeto nacional de educação que consistia em um modelo avançado de educação profissionalizante; na época, é o presidente da província do Amazonas, João Pedro

Dias Vieira, que toma a iniciativa de criar a Lei nº. 60, de 21 de agosto de 1856, que oficializa a criação do estabelecimento dos Educandos Artífices. Para realizar o projeto foi construído um prédio de Olaria Provincial no alto de uma colina localizada as margens do igarapé da Cachoeirinha – hoje conhecido como Igarapé do Quarenta; o mesmo consiste em fronteira natural onde tem início o bairro. No ano em que nasce o bairro a população da cidade de Manaus não chegava a 40 mil habitantes.

Em virtude da pequena população da capital amazonense, o bairro se mantém por um período de quarenta anos como local “exclusivo” da Escola dos Educandos. Somente após essas quatro décadas quando tem início, com o governador Fileto Pires Ferreira, que governou o Estado de 1896 a 1898, a iniciativa de distribuir as terras das margens do Rio Negro para as famílias abastadas de Manaus. A ação do governante dá início a um processo de ocupação das terras do bairro por fazendas que passam ocupar o espaço físico antes ocupado apenas pela casa dos Educandos.

Após essa fase, o lugar ganha aspecto de comunidade rapidamente se comparado as quatro décadas anteriores em que ficou somente como bairro da casa dos Educandos. Após ação de ocupação, em 1901, são abertas as seis primeiras ruas do bairro, no governo de Silvério José Nery, sendo nomeadas de Norte-Sul 1, 2 e 3, cortadas pelas Leste-Oeste 1, 2 e 3. As ruas Leste-Oeste, no ano seguinte, recebem nomes que permanecem até hoje. O modelo do traçado das ruas, segundo Cláudio Amazonas (2008), seguiam os mesmos traçados das ruas de Manaus – ou seja, seguiam o mesmo modelo avançado de urbanização.

Seguindo a sugestão do superintendente municipal, da época, coronel José da Costa Monteiro Tapajós, o projeto tinha como objetivo homenagear o governador Antônio Constantino Nery, que governou Manaus de 1904 a 1907. Através do decreto nº. 67, de 22 de

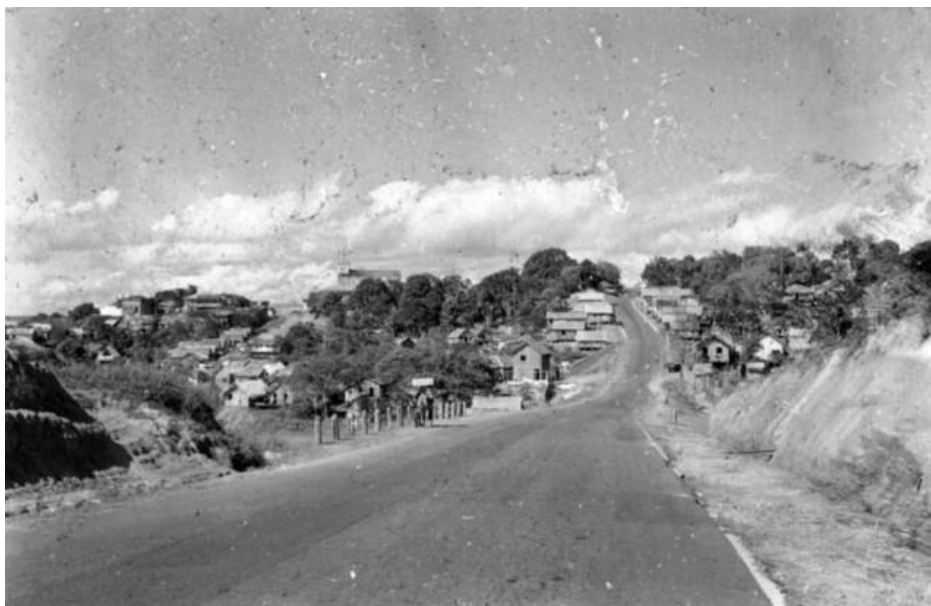
julho de 1907, o bairro passou a se chamar oficialmente de Constantinópolis e, no ano seguinte, as seis ruas do bairro dos Educandos ganharam as denominações atuais.

Em 1946, com o fim da II Guerra Mundial, o bairro recebe grande número de migrantes – os *soldados da borracha* – que haviam se deslocado para o Amazonas para suprir a necessidade de mão-de-obra do governo brasileiro que assume o compromisso de suprir as necessidades de látex dos seus aliados. Vieram aproximadamente 100 mil *arigós* – termo utilizado para designar os migrantes nordestinos – alguns se instalaram nas terras do bairro. Esses migrantes permaneceram no bairro dos Educandos e passaram a desenvolver o comércio local. Segundo Cláudio Amazonas (2008), os registros históricos e os jornais da época, mostram que a chegada dos nordestinos gerou posturas preconceituosas por parte das antigas famílias que residiam no bairro que viam nesse tipo social o estereótipo de brutos sem condições para viver naquela sociedade.

As fronteiras espaciais do bairro, nos dias atuais, permanecem praticamente as mesmas. Porém, segundo dados do IBGE (2000), o número de habitantes perfaz uma população de mais ou menos 16 mil habitantes. Além da grande população, o bairro dos Educandos tem seu centro financeiro e econômico na Avenida Leopoldo Peres e adjacências, gerando muitos empregos diretos e indiretos, além de renda para trabalhadores informais.

Os grandes espaços desabitados de outrora já não existem mais... na atualidade, o que se observa tanto no plano horizontal quanto vertical é uma intensa ocupação de todas as áreas do bairro; a maioria de suas ruas possui perfil curvilíneo. Observando a dinâmica do bairro, conversando com comerciantes locais e antigos moradores, fica perceptível que o bairro foi e continua sendo o local escolhido por grande número de migrantes.

A figura 3 (p. 39) mostra uma das seis primeiras ruas do bairro no início da ocupação. Por meio dela é possível observar os espaços vazios de outrora mencionado.



**Figura 3** – Rua principal do bairro no início da ocupação.

Autor desconhecido.

**Fonte:** retirada do <http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://img43.imageshack>.

Acesso em: 28 de maio de 2011.

Na atualidade, o espaço do bairro passa por uma densa ocupação humana; em suas ruas principais estão instalados os mais diversos comércios que configuram diferentes áreas de atuação comercial – tanto do comércio formal quanto do comércio informal. Ao trafegar por suas ruas e calçadas os pedestres enfrentam uma disputa acirrada pelo espaço, posto que a ocupação do bairro cresceu vertiginosamente estendendo-se até suas fronteiras naturais – Rio Negro e Igarapé do Quarenta.

Alguns dos moradores mais antigos e que, portanto, acompanharam parte da ocupação do bairro, declararam que muitos dos migrantes que vieram para o bairro, se instalaram nas margens das fronteiras naturais. As figuras 4 e 5 (p. 40) mostram as edificações construídas e ocupadas por muitas famílias que na atualidade habitam no bairro; ela revela um misto de casas, algumas de alvenaria na parte mais alta, e na parte mais baixa o predomínio de palafita.

Tomando como referência o prédio destacado nas figuras 4 e 5 e, comparando-as, é possível perceber que duas casas que aparecem na parte inferior em destaque na primeira figura, durante o período da seca, e quando observado o mesmo espaço na figura 5, durante a



cheia, percebe-se o completo desaparecimento das duas casas. Também, na mesma figura, é possível perceber que mais acima no lado direito, nas proximidades do prédio destacado, aparece um prédio em um estágio de construção bem adiantado – que devido as suas proporções altera a paisagem.



**Figuras 4 e 5** – Densidades da ocupação humana do bairro dos Educandos (no ápice da seca e da cheia).

**Foto:** OLIVEIRA, M. A., Pesquisa de campo 2010-2011.

Org. OLIVEIRA, M. A, 2011.

Para viver na cidade muitos migrantes habitam nas áreas mais carentes do bairro, sendo a localização de suas casas nos becos e vielas que estendem das ruas secundárias até as margens do rio e ou do igarapé.

## Seção 1 – A água engole a terra

### 1.1 A influência da natureza no trabalho do camponês amazonense

Os camponeses amazônicos desenvolvem suas atividades na terra, na floresta e na água. [...] o camponês possui uma visão muito particular do tempo – o que implica que busquemos compreender a racionalidade econômica que permeia as suas atividades, na reciprocidade tempo de trabalho e tempo de produção, e sua relação com a “tirania” da natureza (WITKOSKI, 2007, p. 189).

As expressões aqui contidas têm como proposta refletir o modo de vida do camponês amazonense, em linhas gerais, buscamos compreender suas práticas na produção da vida material. Atentando para o fato de que, conforme nos recorda MARTINS (1973), as sociedades possuem especificidades que as tornam únicas, nessa perspectiva, faremos um esforço para compreender o *habitus* do camponês, considerando as influências da natureza em suas atividades laborais.

O homem do campo trabalha no laboratório natural, neste espaço a vida do camponês é regida por condições temporais e espaciais que são determinadas pelos fluxos da natureza. Ele não possui nenhum mecanismo técnico que lhe permita controlá-la. Para viver neste ambiente de predomínio natural os camponeses desenvolvem saberes que são transmitidos pela via da tradição. O capital simbólico do camponês o capacita para desenvolver mecanismos que tornam possível a produção da vida material nos diferentes períodos do ano, pois no campo os fenômenos da natureza exercem grande influência sobre o modo de vida.

Já no meio urbano, o trabalho é desenvolvido no laboratório artificial, sendo possível ao trabalhador controlar o ambiente que trabalha. Isso não implica dizer que no ambiente urbano foram desenvolvidos meios de controlar a natureza, mas, em razão das ocupações que são desenvolvidas nesse ambiente e por meio dos recursos tecnológicos desenvolvidos, é possível ao habitante urbano controlar as condições do seu espaço de trabalho.

[...] A população rural encontra-se, pois, em relação direta com a terra, porque a mãe-terra é, definitivamente, a única criadora e manufatureira das plantas e dos animais. [...] A sociedade rural e a sociedade urbana se caracterizam por uma diferença ambiental. A natureza das ocupações rurais faz com que os homens que se dedicam a elas trabalhem ao ar livre em uma proporção maior do que na maioria das ocupações urbanas. Em consequência, o habitante rural está muito mais exposto às condições do meio físico, as variações dessas condições, em contato muito mais estreito com a natureza. Em compensação, o habitante urbano vive rodeado de um ambiente artificial, conhecendo a Natureza – na maioria dos seus aspectos – através do cinema, dos livros [...] (SOLARI, 1979, p. 6).

Muito cedo o homem do campo aprende que para a produção da subsistência tudo tem seu tempo. [...] *Cada tempo se trabalha numa coisa: tem a época da banana, da farinha, no período de agosto a outubro tem muito peixe, em setembro caçamos tracajá, paca, tatu, veado e ninguém passava fome* (Pesquisa de campo 2010-2011). Quer seja no trabalho extrativista, na atividade pesqueira, na caça ou no trabalho da lavoura, onde além de derrubar o mato é necessário preparar a terra para semear a cultura certa no tempo certo, de igual modo, também precisa estar atento para colher sua produção no tempo certo. Pois, para a realização de cada atividade que implique a produção da vida material, os camponeses seguem as determinações da natureza.

Lá quando as águas do rio baixavam nós plantávamos macaxeira, chicória, cebolinha, cheiro verde, maracujá, malva, juta, fazíamos farinha e pescávamos – colocava a poita na beira do rio para pegar peixe. Acordava cedinho, às vezes, às quatro horas da manhã eu já estava de pé, levantava ainda escuro e muitas vezes na época da colheita ficávamos até anoitecer trabalhando na roça porque se chover estraga a colheita (Pesquisa de Campo, 2010-2011).

A vida no campo da região amazonense possui estruturas econômicas e estruturas temporais que são próprias do seu contexto. No campo é produzido a maioria dos produtos consumidos pela família camponesa, porém existe uma relação de interdependência campo/cidade, na qual, o camponês produz grande parte do que lhes é necessário para a sobrevivência e por meio das trocas do excedente de sua produção obtêm dinheiro para comprar aquilo que não produzem no campo; sendo possível em alguns casos que as trocas de mercadorias ocorram de forma direta sem a intermediação do dinheiro – gêneros alimentícios por artigos industrializados.

Mesmo sem dinheiro o camponês dispõe de mecanismos que lhes permitem viver, pois, diferente do homem que habita no meio urbano onde se pressupõe que ele dispõe de uma infinidade de mecanismos de facilitação da vida como, por exemplo, a água encanada, desde que possa pagar e, portanto, o dinheiro, neste e em outros casos, torna-se um instrumento de troca imprescindível para mediar a aquisição deste e de outros serviços que o modo de vida na metrópole exige: e *o meio absoluto dinheiro tende a tornar-se o fim absoluto, o modelo e grande regulador da vida prática* (SIMMEL, 2005, p. 13).

Para o homem do campo os meios de obtenção do que lhe é vital são diferentes das condições do homem urbano, além dele poder ter acesso à água para o que for necessário sem ter que pagar, dela também pode retirar o peixe para ser utilizado tanto no consumo quanto como moeda de troca por outras mercadorias; a carne vermelha para suprir as necessidades de proteína, pode ser adquirida através da criação doméstica ou da caça; algumas frutas podem ser obtidas na floresta por meio do extrativismo e outras são produzidas na lavoura de onde também é possível obter as verduras, alguns grãos e alguns tubérculos; destes, a mandioca se destaca pela possibilidade do camponês produzir farinha que é uma mercadoria de vasta aceitação no mercado e que, portanto, pode funcionar como moeda de troca. [...] *A farinha de mandioca, como num componente básico desse subsistema – presente na produção agrícola do sistema de várzea e de terra firme – é um produto e, ao mesmo tempo, pode ser uma mercadoria* (WITIKOSKI, 2007, p. 211).

## **1.2 Na socialização do camponês primeiro vêm o trabalho**

No mundo camponês, assim como no mundo urbano, os sujeitos sociais produzem suas próprias representações sociais e, por se tratar de uma prática inerente aos seres

humanos, logo nos primeiros anos de vida da criança, ela é socializada de maneira a assimilar, incorporar e de igual modo a compreender as representações sociais do grupo em que está inserida.

Destarte, a criança camponesa, antes mesmo de frequentar a escola, é inserida no mundo do trabalho ainda nos primeiros anos de vida. [...] *Aos nove anos eu já trabalhava [...] nessa época eu não ia para a escola porque ficava muito distante, quando eu fui para a escola pela primeira vez eu estava com doze anos; foi só aí que eu fui saber o que era estudar* (Pesquisa de campo 2010-2011). Inserida desde muito cedo no mundo do trabalho, a criança camponesa vai desenvolver o *habitus* camponês vivenciando e assimilado saberes tradicionais próprios da sua região, que vão capacitá-la para (re) agir adequadamente em cada situação que a vida no campo venha a lhe apresentar.

Quando eu comecei a trabalhar na roça eu era muito novo, eu só tinha oito anos e já saía bem cedo com minha família para trabalhar no roçado; eu lembro que era muito difícil, porque o sol era muito quente e eu só queria ficar sentado embaixo das árvores, mas não podia porque tinha que ajudar os outros da família que estavam trabalhando. [...] o dia demorava muito a passar e era muito cansativo, quando chegava a casa já era noite. (Pesquisa de campo 2010-2011).

A vida do camponês é marcada por muito trabalho e muitas dificuldades, das quais se destacam o acesso ao ensino e a assistência médica. O acesso à educação, quase que como uma regra as instituições de ensino se instalam nas cidades ou o mais próximo delas, some-se a isto o fato das famílias camponesas, em sua maioria, não disporem de meios de transportes adequados e tampouco o poder público disponibilizá-los, ocorrendo o caso das crianças percorrerem a pé longas distâncias de suas casas até a escola e vice-versa.

Há casos em que a criança caminha quilômetros para chegar a escola. Logo, quando essa criança chega a escola, já chega cansada e seu aprendizado torna-se mais dificultoso e lento. Além da questão dos longos percursos enfrentados pelas crianças camponesas para adquirirem uma educação formal, ocorre também e, principalmente com os meninos, que por

volta dos quinze anos eles já são visto como uma força de trabalho capaz de realizar tarefas mais árduas e, portanto, sua colaboração na produção da vida material passa a ser indispensável para sua família.

A segunda, a assistência médica, o camponês só procura após esgotar seus conhecimentos sobre a vasta quantidade de plantas com propriedades medicinais que lhe são de fácil acesso e que de igual modo são por ele utilizadas com êxito para curar muitas doenças. É somente após recorrer aos conhecimentos tradicionais e somente não obtendo êxito que ele vai buscar auxílio médico.

Sobre a utilização pelos camponeses do conhecimento tradicional na utilização da medicina florestal. O depoimento de uma mãe migrante revela:

[...] Quando nasceu a minha primeira filha, ela tinha uma doença que fazia a cabeça dela crescer. Eu fiz de tudo para a cabeça dela parar de crescer mais não teve jeito [...] lá não tinha médico o jeito foi leva ela para a cidade mais próxima, o médico disse que ela tinha hidrocefalia e prescreveu remédios para ela; nós não tínhamos dinheiro para comprar os remédios que ele prescreveu; então eu a levei no curandeiro ele fez umas rezas e um remédio com plantas para ela. Eu dei o remédio e a cabeça dela deixou de crescer, mas depois ela piorou; eu a levei para o medico, para a resadeira, mas não teve jeito, ela morreu (Pesquisa de campo, 2010-2011).

O campo fornece meios para o camponês obter acesso a uma infinidade de coisas que lhe são necessárias para a subsistência. Porém, há situações em que somente o dinheiro pode mediar o material e o imaterial em sua vida, ou seja, em alguns casos que estão envolvidos problemas de saúde do camponês e que a mercadoria remédio farmacológico passa a ser de fundamental importância para alcançar o imaterial – a cura, o dinheiro é o meio para a obtenção do material – remédio. Nesse contexto, a aquisição de dinheiro pelo camponês se dá por meio das trocas desiguais em virtude da desvalorização de suas mercadorias pelos atravessadores.

Georg Simmel (1973), ainda na primeira metade do século XX, já chamava a atenção para a força do dinheiro como mediador das relações sociais, e na contemporaneidade a forma

do dinheiro se expressar não é outra se não aquela definida por Georg Simmel (1973) a mais de um século. *O dinheiro se refere unicamente ao que é comum a tudo: ele pergunta pelo valor de troca, reduz toda qualidade, individualidade à questão: quanto?* (p. 13).

### **1.3 As relações do camponês são de proximidade**

Conforme mencionado, cada sociedade possui suas próprias especificidades, são elas que as tornam únicas. Quando comparamos o modo de vida no campo com o modo de vida urbano, nos deparamos com universos que em muito distam entre si. O mundo camponês é pautado, dentre outros fatores, pela via da tradição, nele as relações são de reciprocidade, de proximidade – de caráter amigável, pessoal e íntimo. Assim, os camponeses mantem relações de compadrio e ajuda mútua e embora no campo as habitações estejam mais dispersas umas das outras, nele as pessoas se conhecem e se relaciona com um pequeno grupo de pessoas conhecendo-as profundamente.

Enquanto que o crédito se preocupa em garantir sua própria segurança assegurando a solvibilidade do devedor, as convenções da via amigável, (as únicas que a moral da honra reconhece) não conhecem outro aval senão o da boa fé, [...] aquele que vai pedir o empréstimo se dirige à casa de um parente ou de um amigo: “sei que tens tal soma e não precisas dela; podes considerá-la como se estivesse ainda em tua casa”. Não é fixado um vencimento exato (“até o verão”, ou “até a colheita”). Pelo fato que só se contrata entre pessoas conhecidas, parentes, amigos ou aliados, o futuro da associação se acha assegurado, no presente mesmo, não somente pela experiência que um tem do outro, considerado fiel a seus compromissos, mas também e especialmente pela relação que une os parceiros e que sobreviverá à sua transação, garantindo o futuro da troca com segurança maior do que todas as codificações explícitas e formais de que o crédito deve armar-se porque ele supõe a impessoalidade total da relação entre os contratantes (BOURDIEU, 1979, p. 29).

Já no meio urbano, as relações sociais são de cunho impessoal, nelas não há laços de reciprocidade e solidariedade. No cotidiano da vida urbana o urbanita se relacionam por intermédio das mercadorias, que geram o dinheiro que permitem a universalização das trocas; através do dinheiro estabelecem contatos com um grande número de sujeitos sociais que exercem os mais diversos tipos de profissões, tais como: padeiros, garçons, vigias, condutores

dos transportes públicos dentre outras. Porém, ele não as conhece e, na maioria das vezes, não tem interesse em conhecê-las para não se envolver com os problemas do outro.



## Seção 2 - Em busca de uma vida melhor

A concorrência joga desenfreadamente porque os métodos racionais de recrutamento não podem ser aplicados a essa armada de serventes igualmente desarmados. Para todos aqueles que não possuem diploma nem qualificação, a grande maioria, a liberdade de escolha de profissão é reduzida a menos de nada e a colocação só pode ser o efeito do acaso, ao mesmo título da orientação. Disponível a aceitar todo e qualquer emprego, porque na realidade não está preparado para nenhum, o servente desprovido de qualificação está entregue às áleas do engajamento e do licenciamento (BOURDIEU, 1979, p. 55).

### 2.1 O migrante na perspectiva sociológica

Na origem da imigração encontramos a emigração, ato inicial do processo [...]. [...] o que chamamos de imigração, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de emigração [...], a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal [...] (SAYAD, apud CASTIGLIONI, A. H., 2009, p. 49).

O migrante, na perspectiva sociológica lhe é atribuído o dualismo de emigrante – denominação atribuída a quem migra internamente em seu próprio país ou de seu país de origem para outro, e imigrante – denominação atribuída ao migrante quando chega ao local de destino da sua migração. Ou seja, o ato é praticado por um único sujeito social que ao praticá-lo converte-se em emigrante para sua região de origem e imigrante quando adentra a região de destino.

Para uma melhor compreensão da migração – emigração e/ou imigração – faz-se necessário atentar para o fato de que não se trata de algo novo. A prática da migração tem sido realizada ao longo da história da humanidade e em diferentes épocas, contextos e por razões diversas que, no final, quando analisadas, as causas que levaram os sujeitos sociais a migrarem sempre apontam para questões relacionadas às necessidades relacionadas a sobrevivência humanas que variam de acordo com o tempo e o espaço, como: guerras, pestes, seca, cheias, maremotos, terremotos, erupções vulcânicas, variações extremas de temperatura, falta de alimentos...

O estudo não tem por objetivo estudar o fenômeno da migração. Nosso olhar sociológico está voltado para a ressignificação da vida do camponês da região rural do Estado do Amazonas que migrou do campo para a metrópole amazonense. E, neste caso, ao deslocar-se do campo para a cidade, o migrante deixa “tudo” para trás e adentra a sociedade urbana; sendo ele mesmo um duplo de sua ação convertendo-se em emigrante e imigrante, donde, por tempo indeterminado, permanecerá nesta posição dualística até que seja esquecido.

O pressuposto de que o migrante ao migrar deixa “tudo” para trás só tem razão de ser se o “tudo” for considerado hipoteticamente – tendo em conta apenas o que é material palpável – afinal; na prática sabe-se que não é bem assim, visto que tal hipótese – de deixar “tudo” para trás – só é possível de ser afirmada do ponto de vista material. Pois, não podemos desprezar o fato de que os migrantes são sujeitos sociais e, como tal, foram socializados em um grupo social estruturado em um *habitus* atuante na estruturação destes. Logo, faz parte do processo de socialização do migrante a assimilação das representações sociais inerentes a seu grupo social e que, por conseguinte, constituirão o seu capital simbólico. Este é intrínseco ao sujeito, portanto ele o levará consigo para onde migrar.

## **2.2 Origens dos migrantes**

É fato amplamente observado que os fluxos migratórios dirigidos a uma região tendem a apresentar um número importante de parentes, amigos, conhecidos e pessoas provenientes do mesmo local. Na região de destino, os migrantes procuram estabelecer-se em locais próximos para se fortalecerem e reproduzirem as características da sociedade de origem. As relações que ligam os emigrantes aos que permanecem em suas regiões de origem são de importância fundamental para a compreensão dos mecanismos que intensificam os fluxos entre determinadas regiões e das estratégias utilizadas pelos migrantes que compõem as redes (CASTIGLIONI, A, H. 2009, p. 49).

Para compor o estudo, foram identificados 155 migrantes, através do Núcleo de Apoio a Família da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e da pesquisa de campo realizada no

bairro dos Educandos, que por razões diversas nos últimos dez anos, migraram para Manaus e estabeleceram residência no bairro.

Para evidenciar a origem dos migrantes a tabela 1 permite visualizar as suas origens e a quantidade de imigrantes, que se estabeleceram no bairro no período compreendido entre os anos de 2001 a 2010 (tabela 1).

**Tabela 1 – Migração de 2001 - 2010 para Manaus com destino habitacional o bairro dos Educandos.**

ANO	AMAZONAS	PARÁ	ACRE	TOCAN TINS	PIAUI	RIO DE JANEIRO	PERNAM BUCO	PERU	TOTAL
2001	11 (15,7%)	12(35,2%)	6 (27,2%)	0 (0%)	0 (0%)	10 (71,5%)	1 (100%)	0 (0%)	40
2002	6 (8,6%)	0 (0%)	5 (22,7%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	11
2003	1 (1,4%)	4 (11,8%)	3 (13,7%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	8
2004	5 (7,1%)	0 (0%)	3 (13,7%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	8
2005	5 (7,1%)	0 (0%)	5 (22,7%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	10
2006	15 (21,4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (28,5%)	0 (0%)	0 (0%)	19
2007	4 (5,7%)	7 (20,6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	11
2008	8 (11,4%)	3 (9%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	4 (100%)	15
2009	15(21,4%)	6 (17,6%)	0 (0%)	4(100%)	6 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	31
2010	0 (0%)	2 (5,9%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2
SOMA	70 (100,0%)	34 (100%)	22 (100%)	4(100%)	6 (100%)	14 (100%)	1 (100%)	4 (100%)	155

**Fonte:** Núcleo de Apoio a Família da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Dados da pesquisa de campo, 2010-2011.

Org. OLIVEIRA, M. A, 2011.

O ano, a quantidade, a naturalidade e o total dos migrantes identificados pela pesquisa em cada ano no período mencionado na tabela 1, são respectivamente: em 2001, onze imigrantes do Amazonas; doze imigrantes do Pará; seis imigrantes do Acre; dez imigrantes do Rio de Janeiro e um imigrante de Pernambuco, totalizando quarenta imigrantes no ano de 2001; os estados do Pará, Amazonas e Rio de Janeiro foram responsáveis por 82% dos imigrantes neste ano.

Em 2002, seis imigrantes do Amazonas e cinco imigrantes do Acre, totalizando onze imigrantes neste ano. Em 2003, um imigrante do Amazonas; quatro imigrantes do Pará e três imigrantes do Acre, total de oito imigrantes para 2003. Em 2004, cinco imigrantes do Amazonas e três imigrantes do Acre, total de oito imigrantes em 2004. Os anos de 2003, 2004 e 2010, de acordo com a tabela 1, representam os menores índices da migração. Os dados da

(tabela 1 p. 51) revelam que no período que se estende dos anos de 2001 a 2004, houve uma grande redução no número de imigrantes.

Em 2005, cinco imigrantes do Amazonas e cinco imigrantes do Acre, total de dez imigrantes em 2005; apresenta aumento sutil. Em 2006, quinze imigrantes do Amazonas e quatro imigrantes do Rio de Janeiro, total de 19 imigrantes em 2006; neste ano o número de migrantes amazonenses comparado ao ano anterior triplicou e quando analisado o número total de acordo com a tabela 1 (p. 51) verifica-se um aumento de 90% comparado ao ano de 2005 – sendo uma causa provável deste fato a forte seca ocorrida no final de 2005 e início de 2006.

Em 2007, quatro imigrantes do Amazonas e sete imigrantes do Pará, total de onze imigrantes para 2007; sendo que destes 64% vieram do Pará. Em 2008, oito imigrantes do Amazonas; três imigrantes do Pará e quatro imigrantes do Peru, total de quinze imigrantes para 2008; aqui, comparado ao ano anterior, se observa o aumento de 100% dos migrantes do campo amazonense para a cidade e também a presença da migração internacional.

Em 2009, quinze imigrantes do Amazonas; seis imigrantes do Pará; quatro imigrantes do Tocantins e seis imigrantes do Piauí total de trinta e um imigrantes para 2009; dos anos analisados, 2009 foi o segundo maior número de migrantes, ficando atrás somente de 2001; a razão deste aumento foi uma cheia que bateu a recorde da última maior cheia já registrada no estado do Amazonas. Em 2010, foram identificados dois imigrantes do Pará. A soma total do número de imigrantes no período em questão corresponde a cento e cinquenta e cinco imigrantes.

Os dados (ver tabela 1, p. 51) comprovam a presença de migrantes no bairro dos Educandos. Dos cento e cinquenta e cinco imigrantes identificados pela nossa pesquisa,

setenta são camponeses originários de diferentes regiões do estado do Amazonas. Destes, temos um interesse particular pelos que imigraram no período compreendido entre os anos de 2006 a 2010 (ver p. 51), posto que o objeto da nossa pesquisa são estes imigrantes – por nós denominados de migrante recente.

### **2.3 Circunstâncias da migração camponesa**

Assim como ocorreu aos sujeitos da pesquisa de Pierre Bourdieu (1979) na Argélia, que, em razão da colonização francesa os camponeses argelinos foram expulsos de suas terras, devido a projetos políticos de domínio econômico e espacial do governo francês para a Argélia. No campo amazonense, embora de natureza diferente, também há forças externas aos indivíduos que os impele a sair do campo e migrarem para a cidade. Causas ambientais como: as mudanças rigorosas das ações da natureza exercem forte influência na vida do homem do campo, pois na produção da vida material os fenômenos da natureza (enchente, cheias, vazante e seca) estão diretamente ligados ao modo de vida do camponês.

O que leva o homem do campo a deixar “tudo” para trás e migrar para a cidade? Para encontrar possíveis respostas que satisfaçam a esse questionamento, devemos considerar as dificuldades que fazem parte do cotidiano da vida dos camponeses, pois deste modo nossa reflexão sobre as causas da migração campo-cidade na metrópole da floresta se tornam compreensíveis.

Conforme já mencionado, a vida no campo é condicionada pelas ações da natureza e, dependendo dos rigores com que as variações atmosféricas atinjam o meio rural, as condições de produção da vida material para o camponês se tornam inexecutáveis. [...] *Não tinha mais o que fazer nem nada para fazer, o jeito era pescar para sobreviver e, mesmo assim, era difícil*

*pegar peixe de pele para vender na cidade. Nesse tempo, o espaço ficou muito pequeno por causa da água que engole a terra* (Pesquisa de campo, 2010-2011).

Com o intuito de responder a indagação acima (p. 52), nesta pesquisa fazemos um esforço para realizar uma reflexão sobre as possíveis causas que contribuíram para a migração recente para o Amazonas. Para tal, a tabela 2 traz dados da migração ocorrida entre os anos de 2006 a 2010.

**Tabela 2** – Migração recente 2006 – 2010 campo cidade no bairro dos Educandos.

ANO	AMAZONAS
2006	15 (35,7%)
2007	04 (9,6%)
2008	08 (19%)
2009	15 (35,7%)
2010	00 (0%)
SOMA	42 (100%)

**Fonte:** Núcleo de Apoio a Família da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Dados da Pesquisa de campo, 2010-2011.  
Org. OLIVEIRA, M. A, 2011.

Os dados contidos na tabela 2 nos fornecem informações do número de camponeses amazonenses, cujas imigrações correspondem aos períodos que se estendem de 2006 a 2010. A primeira análise da tabela 2 mostra respectivamente nos anos de 2006 e 2009 os mesmos percentuais (35,7%) de migrantes que vieram para Manaus (quinze migrantes); nestes dois anos o estado passou por dois extremos – uma forte seca em 2006 e em 2009 foi registrado a maior cheia das últimas cinco décadas – diretamente relacionadas às ações severas da natureza e sua forte influência, refletindo no modo de produção da vida no campo, ou neste caso, impossibilitando a permanência do camponês no campo.

Em razão da seca, no ano de 2006 vieram quinze imigrantes, ou seja, em um único ano, trinta e cinco vírgula sete por cento (35,7%) da soma total dos migrantes que vieram nos últimos cinco anos. Esse fato se repete em 2009 devido à cheia. Já em 2007, este número

reduziu para quatro migrantes (9,6%) e, em 2008 identificamos oito migrantes (19% do total); comparado ao ano anterior verifica-se, em termos percentuais, um aumento de cem por cento – 100% – (ver tabela 2, p. 54). Em 2010 a nossa pesquisa não identificou a presença de migrante amazonense – porém, não podemos afirmar que o bairro dos Educandos não recebeu nenhum imigrante oriundo da região no ano de 2010.

Durante muitos anos não tivemos grandes problemas com as cheias do rio, mas nos últimos dez anos as cheias se agravaram cada vez mais tornando a vida lá mais difícil por causa da terra caída – a terra diminui porque com as cheias o banzeiro derruba a terra e fica tudo em baixo d'água, e aí a terra vai ficando cada vez menor. Quando a enchente vem não tem pena de ninguém, na cheia alagava as terras e a vida era difícil (Pesquisa de campo 2010-2011).

Para auxiliar na compressão das variações dos rigores da natureza, as figuras 6 e 7 (p. 56), são da escala pluviométrica (usada para identificar os níveis das águas) situada ao lado da Central do Cidadão no bairro dos Educandos, localizada na margem do Igarapé do Quarenta, próximo à junção deste com o Rio Negro.

São figuras que representam dois extremos, a primeira corresponde ao período da cheia – capturada em 11 de julho de 2009, a outra, data de 13 de dezembro de 2009. A figura 6, da escala pluviométrica (ver p. 56), mostra o nível que as águas atingiram na capital no ano de 2009, ano da última cheia maior que a cheia recorde de 1953; através da figura 6 é possível constatar que este evento mostra a intensidade do nível das águas que o Rio Negro atingiu no referido ano.

As figuras 6 e 7 (p. 56) permitem fazer uma análise comparativa do mesmo espaço físico em épocas diferentes, fornecendo condições para perceber a elevação e o abaixamento do nível da água. A figura 6 mostra que a altura que as águas atingiram na cidade durante a cheia de 2009 foi superior à altura registrada no ano de 1953. Vale destacar que quando o nível das águas do Rio Negro se eleva na cidade, no campo não é diferente e, a sobrevivência dos camponeses que habitam as áreas de várzea fica prejudicada.



**Figuras 6 e 7** – Escala pluviométrica no ápice da cheia e da seca de 2009.

**Fonte:** OLIVEIRA, M. A., 2009.

**Org.** OLIVEIRA, M. A, 2011.

Tanto as grandes cheias quanto as grandes secas são fatores que contribuem em larga escala para o êxodo rural. Durante as cheias, as áreas de várzea são encobertas pelas águas, os banzeiros derrubam os barrancos ocorrendo à terra caída; estas e outras consequências provenientes das cheias levam o camponês a migrar para a zona urbana. [...] *Só tem terra para plantar quando a água do rio baixa, quando começa a chover o rio vai subindo e a terra vai ficando menor por causa da terra caída. Com o banzeiro a terra cai e some, a água leva*



*tudo* (Pesquisa de campo, 2010-2011). Para os camponeses que habitam as áreas da várzea dos rios amazonenses, ficar sem terra em razão das cheias é algo que acontece com frequência, porém, quando elas se prolongam por muito tempo, os camponeses são obrigados a deixar o campo e seguirem para buscar trabalho em Manaus.

Devido à cheia não tinha mais como ficar lá, o jeito foi mudar para a cidade para procurar trabalho. Só que lá, nessa cidadezinha do interior, não tem trabalho para ninguém; eu ainda fiquei um bom tempo pelejando para ver se arrumava algum serviço, mas não arrumei nada. Aí, o jeito foi eu vir para a casa de uma amiga que disse que aqui tem trabalho para todo mundo, a pessoa só fica parada mesmo se quiser (Pesquisa de campo, 2010-2011).

Já as secas, causam em muitos casos, o isolamento de algumas regiões; há áreas da região amazonense que o acesso só é possível pelas vias fluviais e quando ocorre um longo e severo período de estiagem, os níveis das águas dos igarapés e dos ramais baixam e em alguns casos secam por completo. Deixando algumas comunidades muito prejudicadas, chegando inclusive ao ponto de ficarem isoladas dependendo do nível de abaixamento das águas do rio Negro e do rio Solimões; os ramais ou igarapés que intermediam o acesso de algumas áreas a outras ficam sem condições para que as embarcações, mesmo as de pequeno porte, trafeguem.

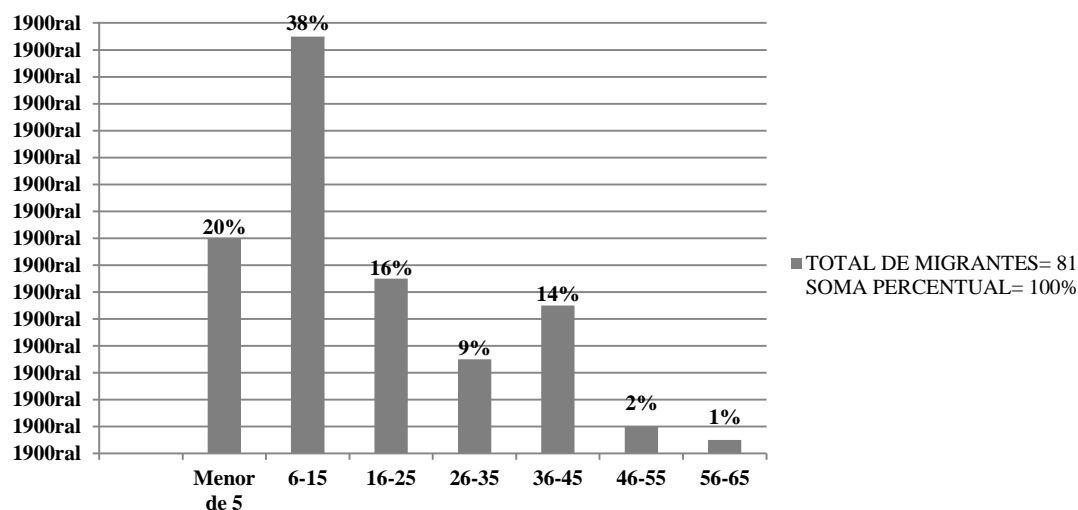
O modo de vida do homem do campo possui uma economia voltada para a produção da subsistência, onde as trocas de mercadorias fazem parte deste sistema; a empresa camponesa é a unidade de produção familiar. E, neste caso, há escassez de dinheiro no campo, logo, é possível inferir que não há oferta de trabalho remunerado que seja suficiente para atender a demanda, restando ao camponês como alternativa viável para resolver a questão da falta de emprego, migrar para a cidade em busca do sonho de conseguir trabalho que lhe permita uma melhora de vida.

Além dos rigores da natureza, existem outras circunstâncias que compelem o camponês a migrar. Os depoimentos obtidos nas entrevistas apontaram como motivo da migração recente, as dificuldades para proporcionar aos filhos acesso à saúde e a educação

formal. Estes fatores também corroboram para que o homem do campo migre para a metrópole: [...] *aqui tem escola para os meus filhos, tem trabalho para todo mundo, as coisas são mais baratas, tem médico se você ficar doente tem tudo mesmo* (Pesquisa de campo 2010-2011).

A busca por condições que possibilitem aos familiares, em especial aos filhos, a oportunidade de uma formação que possa capacitá-los na promoção de mudanças de vida é também um dos fatores responsáveis pela saída do campo. [...] *Vim embora para a cidade porque queria dar estudo aos meus filhos para eles terem uma chance de ter uma vida diferente da minha, aqui eles vão estudar e aprender coisas que não aprenderiam lá. Eles vão aprender a viver na cidade, vão ter uma vida diferente* (Pesquisa de campo, 2010-2011).

Para uma melhor percepção do fator educação como uma das causas da vinda do migrante para Manaus, o gráfico 1 apresenta a faixa etária dos 81 imigrantes identificados pela nossa pesquisa que vieram para Manaus no período compreendido de 2006 a 2010.



**Gráfico 1** – Faixa etária (2006 - 2010).

**Fonte:** Núcleo de Apoio a Família da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Dados da pesquisa de campo, 2010-2011.

Org. OLIVEIRA, M. A, 2011.

Por meio da análise do gráfico 1, percebe-se que dos 81 migrantes, 47 (58%) estão na faixa etária menor que 15 anos. Ou seja, esta faixa etária corresponde a idade em que

normalmente se frequenta a escola. Em razão deste dado, também fica evidente que na maioria dos casos o migrante vem acompanhado pela sua família. Outra observação possível, é que os sujeitos que migram com maior frequência se encontram na faixa etária abaixo dos 45 anos; no gráfico 1 (ver p. 58), observa-se que a proporção de migrantes acima desta idade diminui vertiginosamente. Também um traço que fica evidente, devido a faixa etária, é que os filhos migram com os pais.

## **2.4 A relação campo cidade**

Ao migrar do campo para a cidade, o migrante leva consigo seu capital simbólico construído pela assimilação das representações sociais produzidas pelo seu grupo social de origem e, a ele transmitidas ao longo da vida pela via da tradição. Inerente ao modo de vida no campo, as representações sociais das relações de proximidade são intrínsecas ao migrante e por ele são preservadas por algum tempo após sua saída do campo.

Assim sendo, quando o migrante se estabelece na cidade, ele mantém contato com as pessoas do seu grupo social e, na medida do possível, além de se comunicar através das constantes trocas de mercadorias do campo por mercadorias da cidade, costuma dispor-se a dar assistência às pessoas de suas relações que tem interesse em vir tentar a vida na cidade. [...] *Uma amiga de lá que veio para cá primeiro e depois me chamou. Eu vim para arranjar trabalho, depois que eu consegui [...] juntei dinheiro arranjei uma casa e mandei buscar meus filhos* (Pesquisa de campo, 2010-2011).

Ocorre com muita frequência aos camponeses que migraram para Manaus e habitam no bairro dos Educandos, uma tendência a adoção de um modo próprio de manter contato, que consiste em manter relações recíprocas de trocas com os familiares e pessoas de suas

relações através do envio de mercadorias (industrializadas), que no ambiente urbano, devido a concorrência de mercado, são adquiridas a preços mais em conta que os preços que as mesmas mercadorias atingem quando chegam nos estabelecimentos das circunvizinhanças do campo. E conseqüentemente, há uma reciprocidade nesta prática, pois, de igual modo, aqueles que permaneceram no campo retribuem enviando produtos do campo para a cidade através dos barcos que atracam no próprio bairro ou mesmo na Manaus Moderna.

Há diferença nas condições de vida do interior e da cidade. Eu, no interior, trabalhava sem ser empregado. Com o dinheiro da venda das coisas que eu levava para a cidade, pagava somente as dívidas e não tinha como comprar arroz, macarrão, óleo [...], roupas e calçados. Aqui em Manaus as coisas são mais baratas, dá para comprar muitas coisas que lá são muito caras. [...] A farinha aqui é muito cara, quando eles torram farinha mandam de saca (Pesquisa de campo, 2010-2011).

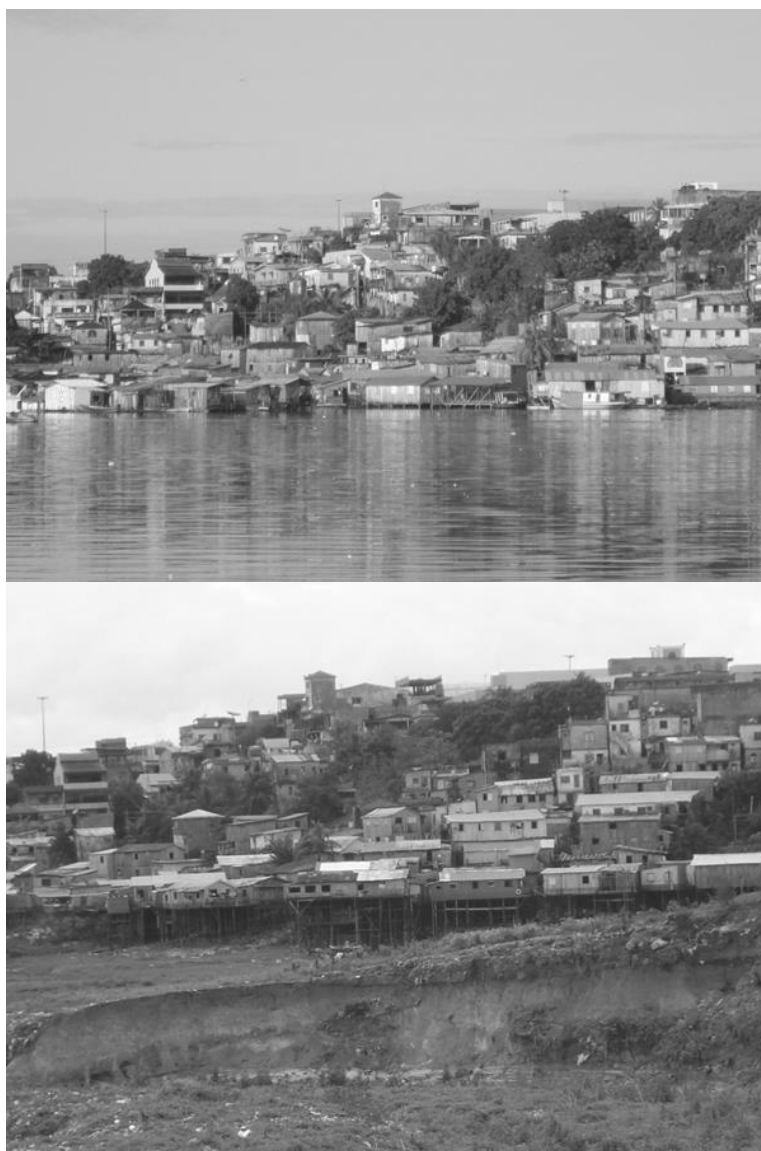
O bairro faz fronteira com o Rio Negro e com o Igarapé do Quarenta, esse fator para o migrante é de fundamental importância; permanecer próximo ao rio significa estar perto de algo que lhes é familiar. [...] *Aqui fica perto rio e do igarapé, eu tenho um barquinho e se eu for pegar um peixe saio e quando eu volto é só encosto o meu barquinho, pegar os peixes da pesca e subir para casa* (Pesquisa de campo 2010-2011). Para o imigrante essa proximidade do rio com a casa representa uma forma de liberdade.

As figuras 8 e 9 na página 60, oferecem a possibilidade de visualizar parte da fronteira do bairro dos Educandos com o Igarapé do Quarenta; elas mostram o mesmo espaço em épocas diferentes do ano. Para uma melhor análise visual das figuras, recomendamos tomar como referência uma pequena torre de alvenaria localizada ao centro na parte superior da figura 8 e, na figura 9, a mesma torre pode ser visualizada com um pequeno desvio do ângulo para a esquerda.

A figura 8 (ver p. 61) mostra um misto de residências de alvenaria e palafitas, estas, estão localizadas na parte mais baixa e, portanto, mais suscetíveis a inundações durante o

período de chuva. Outra observação que a figura possibilita é a de embarcações que atracam nas portas das residências durante os meses em que o Igarapé está cheio.

Já a figura 9, revela a profundidade do nível que as águas atingem e que o espelho d'água da figura 8 não revela. Outra observação que a figura 9 deixa evidente é o processo de erosão do barranco que já se aproxima dos pontos de sustentação de algumas casas, fato este, que nos permite inferir a situação de risco de desmoronamento a que estão expostas algumas das famílias que residem nesta área.



**Figuras 8 e 9** – Respectivamente: Água e embarcações nas portas das casas e Barranco em erosão na margem do Igarapé.

**Foto:** OLIVEIRA, M. A., Pesquisa de campo 2010-2011.

Org. OLIVEIRA, M. A, 2011.

Viver na cidade para muitos camponeses é um sonho, entretanto, quando eles chegam à cidade enfrentam dificuldades para ter acesso aos símbolos que fazem parte da vida metropolitana. E para superar as dificuldades com que se deparam o camponês se esforça para assimilar o modo de vida citadino.

### Seção 3 - Aqui é melhor do que lá

[...] São nos lugares em que o imaginário diferencia-se ao fragmentar-se, porque tem por base o espaço da vida, é neste espaço que existem as possibilidades de mudança e de esperança. [Para os migrantes, “Aqui é melhor do que lá”, devido às possibilidades de mudanças de vida que eles encontram na cidade – grifo meu.], a cidade é um lugar que “tem tudo” (SILVA, 2009, p. 80).

#### 3.1 Modo de vida na metrópole

Entre o sujeito econômico e as mercadorias ou os serviços que ele espera receber, interpõe-se a cortina do dinheiro, por conseguinte, agentes econômicos formados com outra lógica econômica devem fazer às suas custas a aprendizagem da utilização racional do dinheiro como mediação universal das relações econômicas: a tentação é grande com o efeito de converter o salário que acabou de ser recebido em bens reais (BOURDIEU, 1979, p. 27).

Nesta seção, faremos um esforço para explicitar o cotidiano da vida moderna na metrópole da selva onde o camponês amazonense, instala-se e passa a ressignificar suas representações sociais para se adaptar ao modo de vida do meio urbano. Para uma melhor compreensão desta temática, além das reflexões de Pierre Bourdieu acerca do *desencantamento do mundo* (1979) e dos conceitos de *habitus* e *campo* (2009), também procuramos nortear nossa reflexão pelas ponderações de Georg Simmel sobre o fenômeno urbano (1973) e a modernidade (2005).

O homem moderno conforme mencionado na seção 1, trabalha no laboratório artificial onde (quase) tudo pode ser controlado. Para adquirir meios de desenvolver técnicas e mecanismos de controle de um espaço desta natureza, é necessário que os sujeitos inseridos em um sistema destes possuam conhecimentos especializados que o tornem aptos para atuar neste meio. E, na medida em que estes vão se especializando, vão engendrando diferentes formas de saberes, sendo possível ao especialista, dominar somente uma pequena parte da totalidade do conhecimento que corresponde a sua especialização. Deste modo, segundo Simmel (1973), no cotidiano da vida especificamente moderna do meio urbano, o sujeito se

torna cada vez mais dependente do outro, pois quanto mais especializado, mais dependente se torna das atividades da coletividade.

O século XVIII exigiu a especialização funcional do homem e seu trabalho; essa especialização torna um indivíduo incomparável a outro e cada um deles indispensáveis na medida mais alta possível. Entretanto, esta mesma especialização torna cada homem proporcionalmente mais dependente de forma direta das atividades suplementares de todos os outros (p. 11).

A cidade é o espaço entre outros, em que as relações sociais são estabelecidas por intermédio das trocas; neste ambiente o intelecto do homem urbano se organiza em direção as trocas de mercadorias, de interesses e de saberes que lhe convém, para tanto, suas ações são coordenadas racionalmente para propósitos objetivos, pois a estrutura econômica e temporal da cidade não possibilita o afloramento das subjetividades humanas. Ou seja, a vida na cidade requer a todo o momento que o sujeito faça uso da razão e do intelecto, o mesmo é exigido para qualquer sujeito que passa a desenvolver a vida neste espaço.

O *habitus* individual do migrante estruturado no campo se ajusta sem cessar para capacitá-lo, orientando suas ações de modo a se adequar as condições necessárias para produzir a vida material neste novo ambiente socioeconômico, onde, a todo momento, ele será levado a atuar racionalmente e, à medida que o faz, vai incorporando as representações sociais do outro.

Inserido no mundo urbano a plasticidade do *habitus* vai permitir ao sujeito conciliar a realidade da sociedade que adentrou e que, portanto, lhe é estranha no momento, com a sua própria realidade subjetiva incorporando novas experiências e representações sociais que vão lhe permitir se inserir no mundo moderno das trocas, onde o acesso a qualquer bem ou serviço se resume a dinheiro. *No mundo moderno, ao contrario, a universalização das trocas monetárias, correlativa do desaparecimento dos outros recursos, torna a obtenção de uma renda em dinheiro numa necessidade absoluta e universal* (BOURDIEU, 1976, p. 54).



O dinheiro como mediador das trocas no cotidiano da vida moderna assume caráter de objeto de desejo para todos, pois sua posse pode proporcionar acesso a uma gama de produtos que estão para além daqueles que nos são vitais. Logo, neste espaço em que todos precisam conseguir dinheiro para sobreviver, ele se torna cada vez mais escasso e, o migrante, inserido nessa busca, tem que fazer muitos esforços para administrar o salário mensal, de modo tal, que lhe permita suprir todas as necessidades que a vida urbana apresenta.

Aqui eu trabalho e ganho um salario mínimo, com esse dinheiro eu tenho que passar todo o mês – ele tem que dá para pagar tudo: água, luz, gás, aluguel, transporte, alimentação [...] Tudo que eu e os meus filhos precisamos; eu tenho que transformar esse grãozinho que eu ganho todo mês em uma montanha [...] (Pesquisa de Campo 2010-2011).

Nas entrevistas a questão do dinheiro aparece como único meio para obter todas as coisas que eles precisam para viver em Manaus, ressalvadas algumas poucas exceções em que chegam alguns produtos do campo enviados pelos parentes. Este é um dos muitos aspectos em que a vida na metrópole dista da vida no campo. Os entrevistados explicitam com muita clareza nos seus depoimentos a importância de conseguir dinheiro para a produção da vida material na cidade.

Todo mês nós comprávamos um rancho na cidade próxima. Eram poucas coisas que vinham dentro da sacola, eu levava três ou quatro sacolinhas com poucas coisas, como: lata de óleo, arroz, sabão e outras coisas que não se tirava da natureza. Lá essas mercadorias eram mais caras e quase não pegávamos em dinheiro. [...] as verduras eram plantadas no quintal de casa, nós plantávamos: cebola palha, chicória, cheiro-verde, maracujá, pimenta-cheirosa, macaxeira, mandioca, melancia e outras verduras. Também fazíamos farinha em casa; então, mesmo sem dinheiro, nós não passávamos fome porque plantávamos muitas coisas. Aqui temos que comprar tudo [...] (Pesquisa de campo, 2010-2011).

Uma metrópole é um espaço de muitos espaços, inclusive para diferentes formas de viver. Porém, tomando como exemplo as metrópoles brasileiras, e, é do conhecimento de todos que nelas habitam que toda e qualquer forma de viver no meio urbano é pautada pelo dinheiro. Posto que, neste espaço, a conglomeração das edificações residenciais não deixa espaço para que o habitante produza a sua subsistência como o faz o camponês no campo.

“Aqui”, em Manaus, ele terá de pagar pelo aluguel se não for proprietário e, mesmo que seja, terá que pagar pelos impostos da sua propriedade e outros mais; além disso, terá de pagar os alimentos, água, luz, transporte, vestimentas e por tudo o mais que venham a necessitar, pois o dinheiro é a única forma de acesso a estes itens que são tão básicos e indispensáveis para que se viva com o mínimo de dignidade na metrópole.

Outra característica do modo de vida especificamente moderno da cidade, em oposição ao modo de vida no campo, é que a vida cotidiana da cidade não deixa espaço para relações pessoais, nela o sujeito está em constante busca de mecanismos e ou padrões de vida estabelecidos por ideologias capitalistas. Neste contexto, as relações são de caráter impessoal e de competitividade onde o desenvolvimento da vida está voltado ao ser individualizado, cujas preocupações estão centradas no eu individualizado.

Aqui eu trabalho, ganho o meu dinheiro e da para comprar as coisas para a minha casa Aqui eu já comprei muitas coisas que eu nunca pensei em comprar lá – nunca pensei que um dia eu ia comprar: geladeira, fogão, cama box, televisores (Pesquisa de campo, 2010-2011).

### **3.2 A cidade tem códigos**

Na atualidade, a ciência e a tecnologia permeiam o modo de vida urbano e, conseqüentemente, para realizar a maioria das nossas atividades (re) quer que estejamos preparados para assimilar uma multiplicidade de signos. Estes são expressões que configuram a modernidade e, como tal, se apresentam como necessidade última próprias de um estilo de viver a modernidade.

A ressignificação das representações sociais do migrante na metrópole é uma emergência que ele enfrenta e tem que solucioná-la o mais breve possível para se adequar ao modo de vida urbano. Para tanto, o *habitus* está aberto às novas experiências das pressões

modernas da metrópole da selva, aberto a incorporação de novos símbolos que passam a fazer parte do seu capital simbólico, capacitando-o para inserir-se nos diferentes campos da vida cotidiana.

Dentre estes, destacamos o mercado de trabalho regido pela economia capitalista, que para adentra-lo é necessário cumprir uma série de exigências que passam pela incorporação de representações simbólicas e pelo domínio de técnicas que estão para além do papel que o trabalhador vai desempenhar, caso conquiste uma vaga no mercado de trabalho.

Um exemplo do que foi exposto acima é quando o migrante recém-chegado sai na cidade em busca de trabalho; se sua busca for dirigida ao mercado de trabalho formal e, na maioria das vezes este é o objetivo, antes mesmo de sair para bater a porta de um possível estabelecimento a procurara de trabalho ele precisa se certificar de que possui a documentação necessária para se candidatar a uma vaga, qualquer que seja.

Ocorre que, em muitos casos, o migrante não possui nem mesmo este requisito mínimo, pelo fato de no campo não haver a exigência de documentação; resolvida esta questão, surge outra: a do recebimento pagamento, haja vista que muitas empresas não realizam mais o pagamento dos funcionários diretamente a estes como ocorria no passado. Esta é uma função que por razões diversas, inclusive por questões de segurança, elas delegaram aos bancos. Logo, este fato faz surgir mais uma situação que exigirá do migrante uma conta bancaria onde serão depositados seus proventos.

Recordamos que o migrante desta pesquisa possui um *habitus* camponês, estando, portanto, mais familiarizado com economia de subsistência onde ocorrem, com muita frequência, trocas diretas de algumas mercadorias por outras sem haver a intermediação do dinheiro – e quando as trocas das suas mercadorias são feitas de forma indireta, tendo o

dinheiro como mediador, o pagamento é feito em mãos. Com a necessidade de uma conta bancária vem à urgência de assimilar seus significados para saber utilizar um mínimo dos códigos que um cliente bancário necessita conhecer e, neste caso, para ter acesso ao dinheiro do pagamento pelo seu trabalho é imprescindível saber utilizar estes mecanismos.

A existência, bem como a utilização destes e de outros recursos anteriormente mencionados que fazem parte do modo de vida urbano, explicitam com clareza que a cidade opera através de códigos que servem para identificar os membros participantes da sociedade urbana, e conseqüentemente, para aqueles que pretendem se integrar a uma sociedade, qualquer que seja, a não assimilação das representações sociais da mesma podem eventualmente, prejudicá-lo na hora de exercer a sua cidadania.

Na contemporaneidade, a todo instante são vistas expressões que revelam liberdades que outrora não eram expressas, através dos movimentos sociais o homem conseguiu realizar muitas conquistas jamais dantes vistas. A adoção ao sistema monetário possibilitou para o camponês europeu no passado, a libertação deste do sistema feudal, desde então, a mais de quatro séculos que ouvimos falar de liberdade.

Entretanto, na prática do cotidiano da vida exclusivamente moderna, basta uma breve reflexão sobre a liberdade no que se refere ao uso do dinheiro, por exemplo, em uma economia monetarizada, e já nos é suficiente para percebermos que se quisermos viver em sociedade, não somos tão livres para agir como gostamos de pensar que somos, pois na atualidade, na estrutura econômica capitalista no Brasil e em grande parte do globo terrestre, as negociações realizadas nos centros urbanos são mediadas exclusivamente pelo sistema monetário. A reflexão sobre a ideia de liberdade aqui expressa se refere à noção de liberdade contingenciada pela monetarização das práticas econômicas.

O papel do dinheiro na constituição da liberdade especificamente moderna fica de todo evidente quando pensamos, ainda no contexto feudal, na substituição progressiva e paulatina das obrigações pessoais em espécie por contraprestações monetárias. [...] A economia monetária, em conjunção com a divisão social do trabalho, permite a essa personalidade liberta de constrangimentos éticos [...]. [...], liberdade não pode ser pensada enfaticamente como algo absoluto. Antes de tudo não podemos pensa-la como ausência de constrangimentos, mas, apenas, como permuta de contingências. [...] O dinheiro dispensa, por assim dizer, as formas de solidariedade tradicional, nas quais a pessoa, o indivíduo enquanto tal se comprometia. [...]. O dinheiro, o meio por excelência, torna-se indispensável para “criatura mediada” que se torna o homem. [...]. O meio absoluto dinheiro tende a tornar-se o fim absoluto, o modelo e grande regulador da vida prática [...], como a maior parte das pessoas passa a vida inteira na busca do dinheiro, cria-se a ilusão de que a sua posse produz a satisfação definitiva e a felicidade. Nesse contexto, [...]o dinheiro como o Deus moderno [faz todo sentido – grifo meu.] (SIMMEL, 2005, p. 10, 11, 12, 13).

E neste caso, devemos recordar que o sujeito social da nossa reflexão é aquele que veio do campo amazonense, onde as atividades econômicas muitas vezes se estabelecem através das relações de trocas das mercadorias – valor de uso por valor de uso. Ou seja, em um contexto onde o “Deus” dinheiro não reina. Logo, ele sofrerá as pressões econômicas e sociais urbanas que o compelirão a transformações da sua forma de ver e pensar o mundo.

### **3.3 Metamorfose do *habitus***

[...] O *habitus* assegura a interiorização da exterioridade e adequa a ação do agente a sua posição social, tem-se que as diferenças de classe se objetivam nas disposições que possuem os indivíduos em consumir legitimamente as obras consideradas legítimas. Através do gosto se manifesta, assim, um tipo de dominação suave (violência simbólica), onde se apresentam encobertas as relações de poder que regem os agentes e a ordem da sociedade global. Neste sentido, o reconhecimento da legitimidade dos valores produzidos e administrados pela classe dominante implica o “desconhecimento” social do espaço onde se trava, simbolicamente, a luta de classes (ORTIZ, 1983, p. 25).

As transformações do *habitus* estão para além das atividades praticas que o sujeito vai desempenhar no cotidiano. Para o migrante a conquista de um trabalho que lhe garanta direitos trabalhistas assegurados por lei, como descanso semanal, férias, décimo terceiro salário e a Carteira Profissional de Trabalho assinada, significa a realização de um sonho que para muitos parece ser impossível.

Eu sempre tive o sonho de vir morar na cidade e arranjar um emprego de carteira assinada que pagasse os meus direitos tudo direitinho, [...] que eu pudesse trabalhar com a certeza que no final do mês ia ter o meu dinheiro certinho para pagar minhas contas. [...] Eu pensava que nunca ia realizar esse sonho. Agora eu consegui, aqui esse sonho se realizou [...]. A conquista dos meus direitos fez eu me sentir gente (pesquisa de campo 2010-2011).

Socialmente estruturado no âmbito social e individualmente estruturante na mente humana, o *habitus* é adquirido na e pelas experiências práticas; nos diferentes campos de atuação que fazem parte do modo de vida dos sujeitos sociais. Deste modo, em razão da flexibilidade do *habitus*, no momento que o sujeito se depara com algo que lhe é estranho, o *habitus* o capacita para estabelecer diálogo entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo onde são travadas as lutas nos diferentes campos que permeiam a vida cotidiana.

Para se adaptar ao modo de vida, tanto da cidade de Manaus, quanto de qualquer outro modo de vida de uma coletividade humana independente de qual seja a forma de organização social, não só o *habitus* do migrante recente, mas também o *habitus* de qualquer sujeito socializado com representações sociais de um determinado grupo ao adentrar em outro, certamente, o *habitus* deste sujeito passará por um profundo processo de metamorfose através da intensa assimilação das representações sociais que fazem parte do modo de ser, de pensar e agir próprios do modo de vida do grupo em questão e, neste caso, do modo de vida urbano próprio da cidade de Manaus.

Com efeito, no cotidiano da vida na metrópole a racionalização transcende as estruturas econômicas e temporais de cada instante da vida e, nesse sentido, o conceito weberiano de *desencantamento do mundo* abordado por Pierre Bourdieu (1979), na análise das estruturas econômicas e estruturas temporais dos argelinos, num contexto em que o modo de vida argelino passava por profundas transformações – culturais, econômicas, políticas e sociais – em razão da colonização francesa.

E por Antônio F. Pierucci (2005), que faz uma demonstração através de dezessete passos em que o conceito de *desencantamento do mundo* aparece ao longo das obras de Max Weber, destacando em cada passo o sentido em que o referido conceito se aplica. Qual seja, tanto em Bourdieu (1979) quanto em Pierucci (2005), o *desencantamento do mundo* está colocado no sentido da racionalização humana nas práticas do cotidiano.

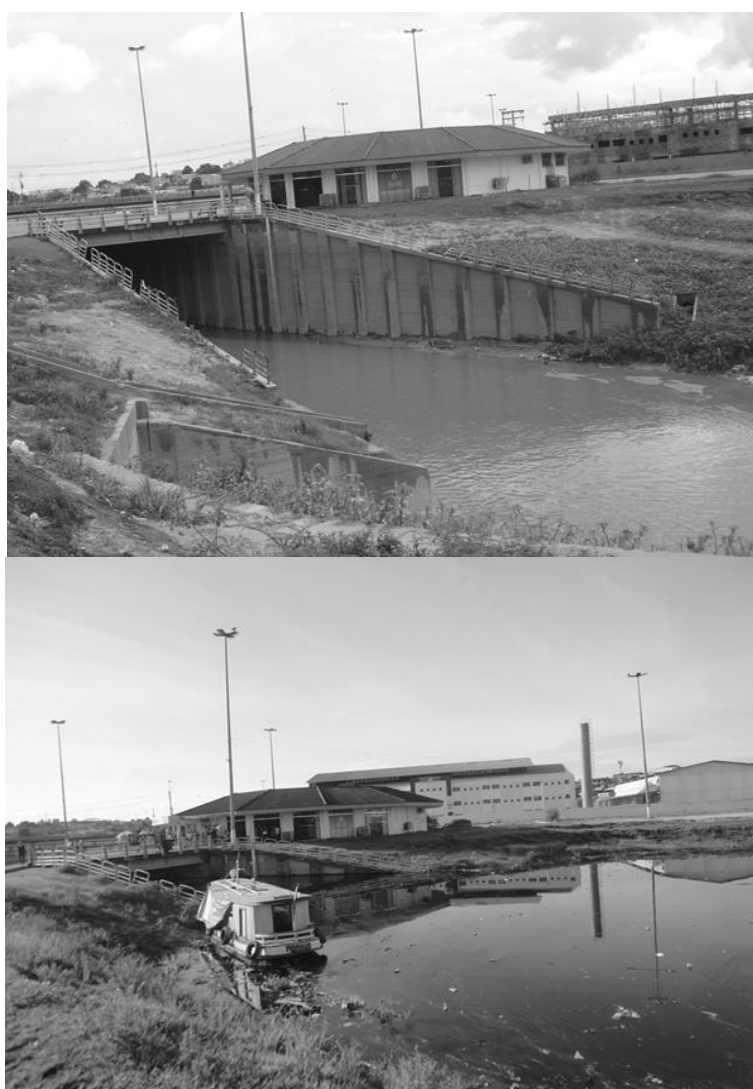
Assim sendo, o *desencantamento do mundo* entendido na perspectiva dos autores acima mencionados nos fornece suporte para as ponderações contidas neste estudo. Sobretudo no que se refere à ressignificação da vida dos migrantes, na cidade de Manaus. Consequentemente, as transformações das representações sociais do modo de vida dos sujeitos em questão, ficam evidenciadas, dentre outros aspectos, pela metamorfose do *habitus* que se ajusta conforme as experiências do cotidiano.

[...] Eu só aprendi a ler e escrever depois que eu vim morar aqui foi só depois que eu comecei a estudar e assinar o meu nome que eu fui me sentir uma pessoa mesmo, com educação; porque antes eu era um bicho do mato (Pesquisa de campo 2010-2011).

Segundo Bourdieu (2009), cada sociedade possui um *habitus* social que embora não seja um maestro, regula e orchestra a sociedade. Logo, nossas ponderações acerca da ressignificação da vida apoiada no conceito de *habitus* na perspectiva de Pierre Bourdieu (2009), nos permite considerar que o migrante passa pelo processo de *desencantamento do mundo* na metrópole da selva, o que nos leva a inferir a ocorrência da ressignificação da vida do mesmo.

[...] Logo quando eu cheguei aqui, no começo, eu continuei tratando os meus filhos do mesmo jeito que eu tratava lá onde eu morava. [...] Quando precisava eu batia nos meus filhos porque foi assim que eu fui educada. Mas, um dia o meu filho fez uma coisa errada e eu dei uma surra nele, a vizinha já tinha me avisado em outra ocasião que da próxima vez que eu batesse num dos meus filhos, ela ia me denunciar para a polícia. [...] Ela disse que chamaria a polícia e chamou daí eu fui parar na delegacia, quase fiquei pressa, [...] o delegado me explicou que eu não podia bater nas crianças porque na cidade as pessoas educam os filhos de outro jeito. [...] Agora eu aprendi a ser educada e educar meus filhos da forma certa porque antes eu era muito bruta, assim, não era uma pessoa civilizada, agora eu sou (Pesquisa de campo 2010-2011).

Todo sujeito possui um capital social simbólico que ao longo da vida vai agregando novos símbolos significantes. Como já vimos, o *habitus* capacita o sujeito para as mais diversas situações da vida cotidiana, permitindo a este se inserir em outros campos. E assim sendo, devemos ter em mente que no meio urbano, não é só o *habitus* do migrante que sofre mutações e conseqüentemente sua vida que é ressignificada, mas, também, o próprio espaço físico é constantemente (re) significado pelas ações humanas em uma proporção maior, mas não podemos esquecer que aí também atuam fenômenos da natureza que podem interferir na paisagem conforme se verifica nas figuras 10 e 11.



**Figura 10 e 11** – Central do Cidadão no bairro dos Educandos; figura 10 do período de seca, obtida em 2009. Figura 11 – mesmo espaço, obtida durante o período de chuva em 2011.

**Fonte:** OLIVEIRA, M. A. 2009-2011.

(Org.) OLIVEIRA, M. A. Pesquisa de campo, 2010-2011.



As figuras 10 e 11 (ver p. 72) são do mesmo local, capturadas em diferentes estações, com um espaço de tempo de 18 meses da primeira para a segunda. Guardadas as devidas proporções, elas nos permitem verificar as mudanças ocorridas no local, tanto pela ação humana quanto pela ação da natureza. A primeira data de dezembro de 2009; numa primeira observação, comparando com a segunda figura, é possível perceber através da presença da pouca vegetação e do nível da água do igarapé que ela foi obtida em uma estação seca; ao centro da figura tem um prédio de forma arredondada que é onde funciona a Central do Cidadão e ao lado deste, conforme a visualização nos permite verificar há um prédio em construção. Já a segunda figura, obtida em uma estação de chuva, além de mostrar que o nível da água está alto, permitindo inclusive que pequenas embarcações atraquem no local, e a presença de vegetação composta por gramíneas, também mostra o prédio que antes estava em construção já totalmente concluído e, portanto, confirmando a ação humana e da natureza na ressignificação não só da vida, mas também do espaço.

Os migrantes recentes relataram que quando se deslocam de suas casas para o trabalho, ou por razões outras, adotam alguns mecanismos para se localizar na cidade. Segundo depoimentos, normalmente alguns edifícios são tomados como ponto de referência, porém quando observamos as figuras 4, 5, 8, 9, 10 e 11 (pp. 41, 61 e 72), percebemos que a paisagem da cidade é constantemente modificada e um prédio que é tomado como referência hoje, amanhã pode não ser possível, ou porque sua visualização foi encoberta pelo surgimento de outro maior ou mesmo pelo fato dele ser derrubado para que em seu lugar seja construído outro com outros fins. Relembramos que as imagens são do bairro dos Educandos, lócus da pesquisa deste estudo. Deste modo, esperamos ter evidenciado que até mesmo estas referências mínimas do modo de vida do migrante na cidade são ressignificadas continuamente, evidenciando o contínuo *desencantamento do mundo*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa foi possível perceber sociologicamente a importância do conceito de *habitus* na estruturação/reestruturação da vida socioeconômica dos migrantes. A aplicação deste e de outros conceitos como representações sociais, modo de vida e cotidiano se mostraram eficazes na análise da ressignificação da vida do migrante na cidade de Manaus. Em razão da abrangência que os referidos conceitos proporcionam foi possível identificar a ocorrência do *desencantamento do mundo* na vida do migrante.

Deste modo, para a produção da vida material neste novo ambiente social, econômico e político em que os homens são constantemente submetidos a situações diversas e, portanto, precisam assimilar representações sociais que não fazem parte do seu capital simbólico originário. Em nossa pesquisa, constatamos que as atividades laborais desempenhadas pelos migrantes para a produção da vida material própria do meio urbano, em muito distanciam das atividades por eles realizadas em seus locais de origem.

A pesquisa constatou que a grande maioria dos migrantes possui baixo grau de escolaridade. Os entrevistados não chegaram a concluir o ensino fundamental e, por esta razão, principalmente os homens, atribuem duas dificuldades: uma é a de arranjar emprego fixo e a outra diz respeito a suas colocações no mercado de trabalho com baixa remuneração para exercer trabalhos em áreas como: da construção civil, da zona portuária e de vigilância noturna. Um dos entrevistados que exerce atividades na área da construção civil, relatou que a enxada lhe era um instrumento familiar no seu lugar de origem, porém seu uso na atividade realizada com ela na construção civil, ele só veio conhecer em Manaus. Outro declarou que se acostumou a passar a noite acordado trabalhando como vigia e dormir de dia, ou seja, a troca do dia pela noite já não lhe causa estranhamento.

Entre as mulheres o nível de escolaridade não difere dos homens. Em geral, na hora de buscar trabalho, elas se dirigem a área dos serviços domésticos, onde a pouca escolaridade, na opinião de uma das entrevistadas, não faz muita diferença, pois declarou conhecer pessoas que tem o ensino médio e só recebem um salário mínimo para trabalhar em empresas que não fornecem alimentação, enquanto que ela tem a carteira assinada, recebe remuneração superior ao salário mínimo e faz as refeições no trabalho (sem ter que pagar por elas) e diz-se satisfeita.

Em outras situações foi possível verificar que algumas profissionais que se dedicam ao trabalho doméstico, mesmo não tendo concluído o ensino fundamental, recebem remuneração superior a profissionais que são contratados com a exigência do ensino médio para trabalhar em outras áreas, o que nos faz pensar na possibilidade da valorização do trabalho doméstico, neste caso seria interessante averiguar esta temática.

Uma das dificuldades que se apresenta ao pesquisador no campo, provém em razão de não haver a necessidade nem a obrigação tanto por parte do migrante quanto por parte do Estado de realizar registro de migrantes brasileiros, quando emigra ou imigra, de sua região de origem ou de outra qualquer em que se encontrem dentro do território nacional.

Sendo assim, identificar em um bairro o número total de migrantes ou mesmo um número que se aproxime desse total é uma dificuldade latente, com a qual, o pesquisador se depara no momento em que adentrar no campo – lócus da pesquisa que o estudioso pretende realizar – entretanto, em razão deste estudo se tratar de uma pesquisa qualitativa, no que implica dizer que, as atenções de pesquisas desta natureza têm suas atenções voltadas para as subjetividades. Logo, este fato não configurou um empecilho para o desenvolvimento deste trabalho, mas, é algo que deve ser pensado. É uma observação e, não uma sugestão de instituir a obrigação de registro para o migrante em seu próprio país.

## REFERÊNCIAS

- AMAZONAS, C. **Constantinópolis origens e tradições**. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008.
- BERGER, P; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BOSI, E. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. Gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. In: BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BOURDIEU, P. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BOURDIEU, P. **O desencantamento do mundo**: estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Perspectiva. São Paulo, 1976.
- CASTIGLIONE, A. H. Migrações: Abordagens teóricas. In: ARAGÓN, L. E. (org.). **Migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, p. 39-57, 2009.
- DURHAM, E. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. Tempo e espaço. In: **Os Nuer**: uma descrição do modo e subsistência e das instituições políticas de um povo Nilota. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1991.
- GONDAR, J; DODEBEI, V. (orgs). **O que é memória social?** Rio de Janeiro. Contra Capa Livraria LTDA, 2005.
- GONDIM, L. M. P. O projeto de pesquisa no contexto do processo de construção do conhecimento. In: GONDIM, L. M. P. (org.). **Pesquisa em Ciências Sociais**: o projeto da dissertação do mestrado. Fortaleza: UFC, 1999.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- GEERTZ, C. Ideias sobre a origem da cultura. In: LARAIA, R. B. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 24 ed. 2009.
- LEFEBVRE, H. **O direito a cidade**. Trad. FARIAS, R. E. São Paulo: Centauro, 2010.
- JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

- MARTINS, J. S. **A migração e a crise do Brasil agrário**. São Paulo: Pioneira, 1973.
- MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na sociedade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MICELI, S. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir escrever. In: OLIVEIRA Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ORTIZ, R. Introdução: a procura de uma sociologia da prática. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu**. Trad. Paula Monteiro e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983 (Col. Grandes Cientistas Sociais).
- PIERUCCI, A. F. **O desencantamento o mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: USP, Editora 34, 2003.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. (org.) O fenômeno urbano. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- SILVA, M. P. S. C. **Aqui é melhor do que Lá**: Representação social da vida urbana das populações migrantes e seus impactos socioambientais em Manaus. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.
- SOLARI, A. O objeto da sociologia rural. In: SZMRECSÁNYI, T. e QUEDA, O. (org.). **Vida rural e mudança social**: Leituras básicas de sociologia rural. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- SOUZA, J. e BERTHOLD, O. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.
- WITKOSKI, A. C. **Terras, florestas e águas de trabalho**: Os camponeses amazônicos e as suas formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

## **ANEXOS**

**Anexo – A**

**CRONOGRAMA DE ATIVIDADES**

Nº	Descrição	Ago 2010	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2011	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
1	Levantamento Bibliográfico	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R
2	Entrevista						R	R					
3	Análise de dados								R	R	R		
4	Preparação do relatório parcial						R						
5	Preparação da apresentação oral parcial				R								
6	Análise dos resultados finais								R	R	R	R	
7	Revisão da literatura						R	R	R	R			
8	Elaboração do Resumo e do Relatório Final											R	R
9	Preparação da Apresentação Final para o Congresso												R
REALIZADO ®													

## **Anexo – B**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM  
PRO-REITORIA DE PESQUISA E POS-GRADUAÇÃO – PROPESP  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA – DAP  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-PIBIC

### **O Desencantamento do mundo na metrópole da floresta? A ressignificação da vida na cidade de Manaus**

#### **ROTEIRO PRÉVIO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

1. Aonde o (a) senhor (a) nasceu? E como era lá?
2. Qual era sua ocupação profissional no seu lugar de origem? E a que hora o (a) senhor (a) acordava?
3. Por que o (a) senhor (a) resolveu sair de sua terra e vir para Manaus?
4. O que essa decisão significou para o (a) senhor (a)?
5. O (a) senhor (a) era o proprietário da casa/terra onde morava? Que tipo de moradia era?
6. Lá o (a) senhor (a) e a sua família trabalhavam para produzir o sustento da casa? E aqui?
7. Lá na sua região, o (a) senhor (a) enfrentava alguma dificuldade, qual (is)?
8. As estações do ano influenciavam de alguma forma no trabalho que o (a) senhor (a) desempenhava lá, no local em que morava?
9. As condições de trabalho em Manaus apresentam alguma diferença em relação ao seu local de origem?
10. Lá, onde o (a) senhor (a) morava, o que fazia para se divertir quando não estava trabalhando? E aqui em Manaus o que o (a) senhor (a) faz para se divertir?
11. Quando recorda o seu local de origem, do que mais sente falta?
12. Se tiver oportunidade de regressar ao seu antigo local de origem o (a) senhor (a) regressaria? Por quê?
13. Por que o (a) senhor (a) veio morar no bairro dos Educandos?



14. Sua família veio junto com o (a) senhor (a) ou ficou?
15. O (a) senhor (a) poderia falar do que foi preciso fazer para vir embora para Manaus?
16. Aqui, em que o (a) senhor (a) trabalha? E por que faz esse trabalho?
17. Há quanto tempo o (a) senhor (a) faz esse trabalho? E a que horas o (a) senhor (a) acorda?
18. Que meio de transporte o senhor usava lá? E em Manaus, como o (a) senhor (a) se transporta?
19. Se o (a) senhor (a) pudesse escolher em que trabalhar, o que o (a) senhor (a) gostaria de fazer?
20. O (a) senhor (a) está satisfeito com a sua vinda para Manaus?
21. Quais as semelhanças e quais as diferenças que o (a) senhor (a) percebe no modo de vida daqui, da cidade de Manaus, com relação ao seu local de origem?
22. Quais as dificuldades que o (a) senhor (a) encontrou para arranjar trabalho aqui em Manaus?
23. O (a) senhor (a) adotou alguma estratégia para se adaptar ao modo de vida aqui em Manaus? Qual (is) foi/foram?
24. O modo de vida em Manaus causa estranhamento ao (à) senhor (a)?
25. O (a) senhor (a) enfrentou ou enfrenta alguma dificuldade (s) para morar aqui em Manaus? Qual (is)?
26. O (a) senhor (a) se considera adaptado ao modo de vida urbano de Manaus?
27. Quando o (a) senhor (a) mudou para Manaus quais eram seus sonhos, eles se concretizaram?

## Anexo – C

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIMENTO DA PESQUISA

Eu, Antônio Carlos Witkoski, professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), juntamente com a aluna Maria das Dores Aderaldo de Oliveira do curso de Ciências Sociais da mesma Universidade, estamos realizando uma pesquisa sob o título “O Desencantamento do mundo na metrópole da floresta? A ressignificação da vida na cidade de Manaus”.

Observando que **sua participação é voluntária**, podendo se retirar ou recusar-se a responder as informações pedidas sem sofrer penalidade alguma, a saber, que **suas informações serão utilizadas de forma a preservar sua privacidade** enquanto pessoa. Para tanto se pretende nesta pesquisa os seguintes objetivos:

#### Geral

Caracterizar o modo de vida dos moradores, migrantes recentes, do bairro dos Educandos procurando revelar as suas transformações apoiado no conceito de *habitus*.

#### Específicos

Expor as representações sociais do modo de vida dos seus lugares de origem;

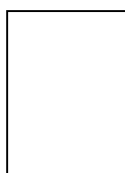
Demonstrar as origens e as causas da migração recente dos moradores do bairro dos Educandos;

Evidenciar a ressignificação de suas representações sociais em razão do seu modo de vida na cidade de Manaus.

**Antônio Carlos Witkoski e Maria das Dores Aderaldo de Oliveira**

Eu, \_\_\_\_\_, concordo com minha participação na pesquisa intitulada “O Desencantamento do mundo na metrópole da floresta? A ressignificação da vida na cidade de Manaus”. Por isso dou meu consentimento para inclusão como participante da pesquisa e atesto que me foi entregue uma cópia desse documento.

Assinatura \_\_\_\_\_ data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_



Impressão do dedo polegar direito  
caso o responsável não saiba  
escrever seu nome

para esclarecimentos:

Universidade Federal do Amazonas Av. Gal Rodrigo Octávio Jordão, 3000, CEP: 69067-000 Coroado. Fone para contato: (92) 3305-4375.